

Seção de Esportes
"O Paraná"

TRICOLOR

SALVE CAMPEÃO

1931.



SALVE 25-1-932

MOREY.

O esporte que mais emociona
é o das corridas de velocidade e
resistencia sobre patins!

O maior Rinqe da America do Sul

Rinqe Concordia

á Av. Rangel Pestana, 327,
e Largo da Concordia, 12,
— Telephone 9-1095 —

realiza semanalmente grandes competições
esportivas deste genero, com o concurso de
centenas de corredores!..

Os mais sensacionaes jogos de
hoquei são realizados no

Rinqe Concordia

Patinação geral continua das 9 horas
ao meio dia e das 2 horas á meia noite

Regra de tres

UM CONTO DE NATAL

Por JO'TA NIL

Cecilia, uma dessas mocinhas pequeninas, sem ser positivamente linda, tem um "que", um "it", como dizem os norte-americanos.

Ricardo, um desses moços pesadões, sanguineos, não é totalmente feio. E' immensamente rico...

Pedro, rapaz magro, elegante, é o typo perfeito do homem da sociedade. Pobre, mas bello como um Adonis.

Ricardo de ha muito que faz a côrte a Cecilia. Pedro tambem.

Ella, como toda mulher, envaidece-se disso. Na alta ródá, a que elles pertencem, commentam o facto, augurando alguns o seu proximo casamento com Ricardo, o millionario. Outros julgam que ella está apaixonada pelo bello Brumel...

Uma bella noite, num jardim publico, Cecilia e Ricardo passeavam. Sentaram-se. Ricardo, pela milionesima vez, pediu-a em casamento. Ella, pela milionesima vez, recusou o seu pedido.

— Escuta, Ricardo: nós estamos proximo do Natal e...

— Um bello dia para nos casarmos...

— Não; nesse dia, neste jardim, receberás minha resposta definitiva. Dizendo assim, Cecilia levantou-se e desapareceu entre os passeantes.

Ricardo ficou atordoado!...

* * *

— Cecilia!

— Pedro!

— Onde vens?

— Do jardim da Matriz.

— E já vaes, sem me dares o prazer de conversar um pouco comtigo?

Cecilia não pôde evitar um movimento de contrariedade.

— Pedro, desculpa-me mas tenho pressa...

— Mas, Cecilia, eu desejava convidar-te para ceares comigo na vespera de Natal...

— Bem, vá nesse dia ao jardim da Matriz e far-te-ei uma surpresa...

* * *

Véspera de Natal.

— Ricardo.

— Olá Pedro, como vae essa força?

— Assim, assim...

— Então?

— Estou esperando Cecilia. Ella prometteu ceiar commigo...

Ricardo ficou mais vermelho ainda. Tossiu forte, mas conteve-se.

— Eu estou aqui á espera duma resposta que me fará o homem mais feliz do mundo...

No olhar que então trocaram se lia todo o odio que um tributava ao outro.

* * *

— Ricardo, Pedro. Os dois jovens voltaram-se. Era Cecilia de braços com um moço desconhecido. Elles ficaram como que petrificados. Mudos.

— Meus amigos, disse ella com sua vozinha de criança, tenho immenso prazer de apresentar-lhes o meu marido, o dr. Silveira...

Adeuzinho e não se esqueçam de mim.

O commissario de policia fala ao gatuno:

— Você está acusado do roubo de umas gallinhas. Tem alguma testemunha de defesa?

O ladrão ri.

— Não ria — brada o commissario. Tem ou não tem?

— Mas então, seu policia, eu serei tão besta que leve testemunhas quando vou roubar?

*

— Quando ficar homem, que é que você quer ser?

— Soldado.

— Mas, como soldado, você poderá ser morto por um inimigo.

— Então, eu quero ser... inimigo.

*

— Mamãe, que especie de passaro é o Colombo?

— Não é um passaro, meu filho. Que idéia! Foi um homem celebre.

— Então porque tanto se falla no "ovo de Colombo"?

DE TUDO UM POUCO

O futebol que tem agora tão grande voga e é tido em grande apreço no esporte inglez, foi quatro vezes já prohibido por lei, na propria Inglaterra, por ser um exercicio brutal, causador de desastres, e, tanto, perigoso para os que jogam. As datas das prohibições são: 1365, 1388, 1471, 1491.

*

FATALIDADE

A morte prematura e desgraçada que tiveram muitos escriptores da antiguidade é summamente notavel: Menandro morreu afogado no Pireu; Euripedes e Heraclito foram despedaçados por uma matilha de cães; Empédocles precipitou-se na cratera do Etna; Hesiodo acabou a vida ás mãos de um assassino; Archiloco e Ibico foram mortos por um bando de salteadores; a celebre Sapho despenhou-se de uma rocha; Eschylo foi morto por uma tartaruga despedida das garras de uma ave de rapina; Anacreonte (ainda que não foi o unico no seu genero) levou-o uma tremenda borracheira; Cratino e Terencio acabaram em um naufragio; Séneca foi condemnado á morte por um tyranno; Lucrecio falleceu em um frenesi de amor; Socrates e Demosthenes foram envenenados; Cicero morreu degolado.

x

UMA CARTA E UMA RESPOSTA

Um estudante da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro escreveu um dia, a seu pae o seguinte:

Querido Pae.

Escrevo-lhe n'uma segunda-feira, afim de que esta lhe chegue ás mãos na terça, para fazer as diligencias precisas na quarta, enviando-me algum dinheiro na quinta, de modo que receba sem mais tardar na sexta; senão tomo o comboio no sabbado e estarei em casa no domingo.

Abençoe o filho obrigado,

Pantaleão.

EIS A RESPOSTA:

Filho querido.

A' tua carta de segunda-feira, por mim recebida na terça, respondo na quarta, para que saibas na quinta, que não terás o dinheiro na sexta, e que se tomares o comboio no sabbado, no domingo cá te espera o rabo de tatú, para as premissas e conclusões.

Deus te abençoe e te dê juizo. Teu pae,

Jeremias.

S O C I A E S

ANNIVERSARIOS

Festejou hontem, seu aniversario natalicio, o Snr. Sylvio Cajado de Oliveira.

— A Exma. Snra. D.^a Eliza Rangel, esposa do Snr. Herculanho Rangel, viu hontem transcorrer sua data natalicia.

— Transcorre hoje a data natalicia da Snrta. Sylvia de Oliveira Cajado, sobrinha do Dr. Alfredo Braga.

— No proximo dia 4, festejará seu aniversario, o jovem Sebastião Nogueira Leitão, entusiasta admirador do S. Paulo Futebol Clube.

— Transcorrerá no dia 13 de Fevereiro, a data natalicia do galante menino Ivo Pinto, filho do Snr. Voltaire Pinto.

— A Snrta. Florentina Roselli, filha do Snr. Francisco Roselli, festejará sua data natalicia a 16 de fevereiro proximo, e por esse motivo, certamente, receberá felicitações de suas inumeras amiguinhas.

Aos anniversariantes, as nossas felicitações.

—x—

INDICADOR

— O C. A. Paulistano offerecerá aos seus socios, na segunda-feira de carnaval, dia 7, o tradicional baile á fantasia. Servirá de ingresso, a caderneta deste anno.

— No proximo dia 4, a Cruzada Pró-Infancia fará realizar no Mappin Stores, o chá infantil a fantasia.

— Hoje a Mme. C. Reynold Poças Leitão realizará, nos salões do Trianon, o vespéral infantil e juvenil.

— O Automovel Club, realizará nos dias 7 e 9 de fevereiro a festa folklorica oriental. Para a reserva de mezas, acha-se á

disposição dos snrs. socios, a planta dos salões.

—x—

AOS ASSIGNANTES

Communicamos aos Srs. assignantes e leitores, que, devido ás férias esportivas, seremos obrigados a dar tambem em Fevereiro, sómente um numero.

Com essa medida, no entanto, os Srs. assignantes nada ficarão prejudicados, pois que receberão os numeros a que lhes dá direito a assignatura.

A GERENCIA.

—x—

CARNAVAL DA VIDA...

O reinado estridente de Rei Momo ahí está prestes a chegar, trazendo comsigo um cortejo imenso de loucuras...

E nesses tres dias de folguedos, a humanidade se esquece de si propria, afogando na alegria passageira a dôr e os soffrimentos de todo um anno de vida.

Um rosario infindavel dos seculos, a dançar no tempo o bailado classico da successão, o minueto do tempo que passa, vae o Carnaval deslisando continuamente o seu cortejo de orgia, de vaidades e de desafogo...

Todos riem, todos cantam, todos dançam a seu modo e procuram a sua plena liberdade.

Porque?

E' que nesse periodo curto de tres dias, o homem se revela a si, com os seus instinctos, com a sua alma...

Diverte-se em completa liberdade gosando a sua vida, o seu proprio "eu"...

O resto do anno passa-o amarrado aos preconceitos, preso aos seus compromissos, afivelada ao rosto a mascara diaria com que

participa do Carnaval da vida...
— S.

—x—

NUPCIAS

Bocci-Angiulli

Realizar-se-á, no proximo dia 6, o enlace matrimonial do sr. Aristides Bocci, filho do sr. Alfredo Bocci e de d. Carmen Garcia Bocci, com a premdade srta. Anna Antonia Angiulli, filha do sr. Trefone Angiulli e de d. Filomena Angiulli.

O sr. Aristides Bocci, entusiasta adepto do tricolor e sua amavel noiva, fina flor da sociedade paulista, possuidores que são, de grande prestigio, receberão, com toda a certeza, inumeros cumprimentos e votos de felicidade de seus amigos e admiradores.

Ao jovem par, "O Tricolor", embora um pouco adeantado, cumprimenta effusivamente.

* * *

No dia 26 deste, contrahiram matrimonio, o Snr. Pagé Souza Carvalho, filho do Snr. Dr. Theophilo Benedicto Souza Carvalho e D.^a Orphila Souza Carvalho, com a Snrta. Alice Flores Penteado, filha do Snr. João Bueno Penteado e D.^a Elvira Flores Penteado.

Serviram de testemunhas do noivo, no religioso, o general Miguel Costa e no civil o Coronel Mendonça Lima e Dr. Heitor Cunha.

Da noiva, no religioso, o Dr. Cincinato Braga e Exma. Snra. e no civil, o Dr. Alfredo Cezar da Silva Braga e Exma. Snra.

Aos nubentes, "O Tricolor" apresenta seus cumprimentos.

* * *

Realizou-se dia 28, na Igreja Matriz do Braz, e enlace matrimonial do sr. Francisco de Lima Gonçalves Pereira, filho do dr. Horacio Gonçalves Pereira e de d. Sylvia de Lima Gonçalves Pereira, com a srta. prof.^a Iracema de Mello, filha do sr. Francisco Rodrigues de Mello e de d. Magdalena Martins de Mello.

* * *

Em S. Roque, onde residem, consorciarão no proximo dia 6 de fevereiro, a snrta. Maria da Silva Ramos, filha do Dr. João E. da Silva Ramos e de D.^a Sarah Peres, com o dr. Iphanu dos Santos, filho do dr. Osorio Mario dos Santos e de D.^a Leonor dos Santos.

"O TRICOLOR" é dedicado ao S. Paulo F. C. e todo o socio e admirador deve assignal-o ou conceder-lhe annuncios de suas casas commerciaes, porque terão com isso contribuido para o entrelaçamento de todos os elementos do seu proprio clube.

REVISTA QUINZENAL DEDICADA AO

S. PAULO F.C.

O TRICOLOR

Director Responsavel: — S. CAMPOS
" Gerente: — MARIO RANGEL

REDACÇÃO: Rua Libero Badarò N. 21 — 3.º andar — sala 12 — Tel. 2-1706

ASSIGNATURAS

Anno 12\$000
Semestre 7\$000
Numero Avulso \$600

Secretario
LUIZ LOPES COELHO

ANNO II

SÃO PAULO, 31 de Janeiro de 1932

NUMERO 7

Dois annos de vida e já campeão! Mas tinha que ser assim. Renascendo das tradições gloriosas do passado que tiveram o Palmeiras e a secção futebolistica do Paulistano — sem duvida, as duas maiores sociedades do "association" de S. Paulo — o tricolor deveria ter, já desde inicio, um lugar de destaque no futebol paulista. Aos que sabem de experiencia propria o quanto de responsabilidade pesa sobre os que vencem campeonato, o esforço inaudito que faz aquelle que consegue vencer a grande jornada, a victoria final do S. Paulo F. C. avulta de valor, cresce de importancia para demonstrar um esforço geral de seus elementos para se attingir uma forma impecavel. E o brilho das jornadas, viram-nos os nossos leitores quando a classe, o valor e o ardor dos adversarios o exigia, resultando ainda o mesmo numero pratico da superioridade tricolor. E no fulgor dessa brilhante jornada surge victoriosa e ufana a bandeira do S. Paulo, a que "O Tricolor" saúda

===== irreverente. =====

Os esportes elevam os individuos que os praticam; verdade conhecida mas que convem ser repetida. Porque é necessario attingir-se a verdadeira finalidade dos exercicios phisicos, quaesquer que elles sejam. Eugenia. Esportismo puro. E ter-se-á assim contribuido para a decantada "perfeição da raça". Praticar o esporte, racionalmente, é o que todos e principalmente os moços deviam fazer. Os apellidos não são nossos e sim dos mais illustres hygienistas, dos mais reputados educadores. Juvenal tem encontrado legiões de imitadores, todos a apregoarem o "alma sã num corpo sã".

Todavia, muitos desvirtuam a finalidade dos esportes. Em São Paulo, esportivamente bem desenvolvido, vemos isso nos jogos de futebol, bola ao cesto, atletismo, etc. Seria ocioso juntar factos concretos que corroborassem esta asserção. Seria ocioso — repetimos — porque elles estão á memoria de todos os desportistas.

Não falemos já da politica que mina todos os reductos dos esportes paulistas, corrompendo-os; não focalizemos a incompreensão daquelles que, pelo papel que desempenham nesse terreno, deveriam ser os primeiros a tomar attitudes ditadas pelo verdadeiro objectivo dos esportes, em sua mais lata extensão; olvidemos o partidario nocivo da chamada "torcida" e passemos por cima das questões mesquinhas que, quotidianamente, agitam os nossos scenarios esportivos, tolhendo a sua marcha para um futuro mais risonho. Tudo isso é demonstrado pela imprensa esportiva daqui, onde um pugillo de rapazes maneja a ferula draconiana do censor, batendo-se pela moralização dos costumes, quanto ao futebol.

E' mister confessar que sofremos um retrocesso lamentavel nos ultimos trez lustros. Embora tenhamos optimos dirigentes, bons jogadores, atletas de real valor, tudo isso desaparece ante o pertinaz esforço dos maus elementos que nos dias de hoje infestam a humanidade em todos os ramos por onde se exerce a sua acção. De todos os esportes, o futebol é o que mais tem sido prejudicado. Aliás, o phenomeno explica-se pela sua grande popularidade. Os outros esportes têm lá o seu publico, os seus praticantes, mas em numero reduzido; emquanto que elle domina. E' o predilecto dos brasileiros, sem contestação possivel. Friedenreich á um symbolo nacional. O futebol! um pavilhão que todos

Um caminho errado

(Especial para "O Tricolor")

Por MANOEL DOMINGUES
Redactor da Agencia Havas.

anseiam ver tremular victorioso, pelo valor dos seus representantes.

Dahi a magua que muitas vezes se apodera dos esportistas bem intencionados ao observarem que o futebol, ao invéz de ser uma escola educativa, é o pretexto para gestos inconcebiveis, scenas que nos deprimem. Ha 15 annos, a sua pratica constituia um factor poderoso de sociabilidade, quando as praças de esportes se enchiam de uma assistencia educada, garrula, pontilhada de silhuetas femininas. Hoje não. A assistencia não desertou dos campos. Ao contrario, engrossou e augmenta cada vez mais. Mas as moças, salvo raras excepções, não mais concorrem para o brilhantismo das tardes esportivas. Porque, agora, uma contenda de futebol é o ponto de partida para manifestações que o bom senso e o mais comedido principio de urbanidade condemnam. Um quadro está perdendo e tanto basta para que os seus adeptos promovam conflictos, aggridam o juiz, insultem os jogadores, mesmo que nenhuma razão lhes assista. O que querem á dar vasas, de qualquer maneira, á paixão que os domina, levando-os aos extremos mais reprovaveis. Ha mesmo muitos (elles estão em minoria mas proliferam em escala assustadora) que não comprehendem um encontro de futebol sem brigas, sem que o arbitro seja desacatado, sem que os jogadores sejam aggrididos, sinão phisicamente, pelo menos com palavrões desabuzados. Assim, pouco a pouco, a parte sã dos admiradores do futebol foi abandonando os campos, os clubes, como se deu com o elemento feminino. Agora, são diminutos os que ainda resistem á onda perigosa das "batatinhas podres", para usar conhecido aphorisma. Essa não é a finalidade dos esportes. Urge uma reacção energica. E como a desenvolver? Por meio de uma intensa campanha de educação, que compete principalmente aos jornalistas e aos dire-

ctores de entidades e clubes de esportes. Palestras, prospectos, artigos, conselho — tudo isso devia ser feito, com endereço aos torcedores. Gradativamente, inculcavam-se no cerebro de cada um algumas verdades que muito concorreriam para o alevantamento do nosso futebol. Sem precalços de vulto, essa campanha poderia ser iniciada desde já. O esporte, que collabora em muito para a perfeição racial, bem merece os esforços dos esportistas dignos desse nome, que, temos a certeza, não se negarão a cooperar nessa batalhas, cujos fructos opimos são faceis de prever. Tambem os poderes publicos estão no imperioso dever de fomentar a pratica continua dos esportes. Attente-se para a licção das nações civilizadas, que se dedicam, com amor e interesse, ao desenvolvimento esportivo de suas populações. Porque o Brasil crêa excepção á regra? Ou será melhor apoiar concursos carnavalescos, festas mundanas e quejandas?...

Até a religião prestigia o futebol e os futebolistas. Haja vista ao exemplo que nós fornece um illustre prelado da Velha Albion, o qual, durante o officio funebre de um jogador inglez morto numa peleja, ao fazer defeza arriscada, usou das seguintes palavras:

— "Foi um motivo de grande desgosto a tragica morte de John Thomson (arqueiro). A acção fatal foi um acto de soberba e desmedida coragem; um acto de lealdade suprema e sem vacillação; uma chamma desse fogo divino que reduz ao nada todo o pensamento de si mesmo, quando o perigo ameaça aquillo cuja guarda nos fôra confiada. Thomson não deu a vida por um ponto; morreu por um ideal, pelo qual elle deveria estar, toda a vida, disposto a sacrificar-se: lealdade á missão que lhe fôra designada. Sua morte representa uma grande perda para o futebol pois que poucos fizeram tanto quanto John Thomson para honrar o esporte".

Vejam bem. E' a religião que consagra o esportista que honrou a sua carreira. Mirem-se, pois, nesse espelho os nossos futebolistas e torcedores. Não é preciso que os primeiros procurem o mesmo fim tragico de Thomson! Convem todavia que sejam imbuidos do mesmo sentimento de lealdade, de identico ideal: sacrificar-se pela missão que lhes cabe. E os torcedores devem ver em cada jogador um "simile" do infeliz arqueiro britannico, capaz de se sacrificar pelo seu clube, de morrer na defeza de suas cores. E que o o respeitem, et pour cause...

Emfim, campeão!

Em seu primeiro anno de vida, o S. Paulo teve varios contratempos, pois que a constituição de seu quadro principal, sempre era modificada. Ora mexiam na linha atacante, ora na linha média e assim por diante. Dahi os varios empates que se deram, o que contribuiu grandemente para que não conseguisse o titulo de campeão. Esses empates foram em numero de 9; era bastante que vencesse tres de seus adversarios com que empatou, para conseguir classificar-se junto ao então campeão.

O S. Paulo modificou cerca de 15 vezes seu time, figurando nada menos que 22 jogadores no decorrer do campeonato. Assim mesmo conseguira o Tricolor classificar-se em 2.º lugar com 11 pontos perdidos e com diferença de 3 pontos do campeão.

Neste anno o S. Paulo mostrou um grande progresso, pois em 1930 perdeu 11 pontos, ao passo que no campeonato que ha pouco findou perdeu sómente 7, assim distribuidos: 1.º turno, 4 empates e 1 derrota (?); no 2.º turno, 1 empate.

Como vemos o numero de empates diminuiu grandemente. A turma apresentou-se mais combinada e constante. Os seus primeiros jogos não foram vistos com bons olhos, pois apresentava os mesmos defeitos do anno anterior, isto é, um ataque desarticulado, onde varios elementos jogavam fóra de sua posição, no entanto a maioria via na linha média o ponto fraco, no que não havia razão de ser.

O 1.º turno, terminou-o o São Paulo, sem que houvesse apresentado grandes melhorias, o que era por todos esperado. Ha a notar-se que no transcórre desta phase do campeonato, o S. Paulo perdeu um de seus mais entusiastas defensores: Nestor, o qual se inutilizou, na triste luta em que seu clube se empenhou contra o Palestra.

Talvez devido a pouca confiança que depositavam em seu substituto, seus companheiros desenvolveram até o fim do 1.º turno, actuação um tanto acanhada. Como já dissemos acima, alguns elementos jogavam fóra de sua posição, assim Siriri, mostrava-se pouco productivo na extrema esquerda; Armandinho também andava fóra de forma.

Esse era ponto fraco do quadro, o qual no entretanto, não via os affeiçoados e criticos. Mas tudo isso veio á luz, quando

foi modificada a linha atacante: Siriri passou para a meia direita onde brilhou, até quando o golpe fatal, lhe fez trocar o gramado verdejante pelo leito niveo do hospital, onde permanece até hoje. Junqueira vai para a ponta esquerda onde se revela. Com o accidente de Siriri, volta Armandinho a occupar sua posição. O clube da Floresta voltou a ter seu ataque mais potente, onde se destaca sobremaneira o trio central, que foi o principal factor de suas bellissimas victorias; em conjunto foi o ataque tricolor o que melhor se conduziu no 2.º turno, haja vista ao numero de tentos que alcançou: 92.

A defesa do S. Paulo também teve grandes meritos, pois que, se deixou vencer sómente 31 vezes. A saída de Nestor talvez tenha influenciado nos primeiros jogos, mas aos poucos Joãozinho se vai firmando e a turma tem plena confiança em suas jogadas; a entrada desse elemento, porém, em nada prejudicou a defesa do clube; basta que se veja, que depois de seu ingresso, o quadro principal, não mais conheceu a derrota.

Clodô e Barthô, no primeiro turno, em certos jogos, mostraram-se um tanto incertos, mas no 2.º foram os verdadeiros baluartes da defesa tricolor, jogando com desenvoltura e coragem.

A linha média também teve suas modificações, com a saída de Alminana. Complicou seriamente a constituição do quadro, difficil se tornou o preenchimento de sua vaga. Dos varios jogadores que occuparam a aza média esquerda, o que mais correspondeu foi Fabio, embora os ou-

dois não desmerecessem. Como Nestor e Siriri, Fabio também não conseguiu terminar o campeonato, pois um accidente o impediu de tal, substituiu-o Sasso, sendo bastante feliz em suas jogadas. Bino, o sympathico "Ligeireza", também teve seus dias de gloria; Bino, como bem disse "A Gazeta", é "um centro medio de jogo na surdina", e é uma verdade, pois que embora culpado pela assistencia, de máo jogo, Bino sempre foi um dos maiores esteios da defeza, e um dos grandes auxiliares da linha atacante. Milton, sempre o Milton, as extremas que foram por elle marcadas que digam, se joga ou não.

Em resumo, o S. Paulo foi um grande, um batalhador e um merecido campeão.

Não devemos esquecer contudo, que o maior factor do levantamento do São Paulo, foi o grande Rubens Salles. Elle foi o piloto.

Rubens dedicou-se com todo carinho na preparação da turma, encontrando por parte dos elementos que a compõem a melhor boa vontade. Como elle poucos sabem dirigir, e elle dirigiu com tanta pericia e arte que viu seu barco singrar velozmente o mar revolto do campeonato, e attingir o ponto da victoria. Portanto felicissimos foram os nobres directores do S. Paulo, que não conhecem obstaculos, quando entra em jogo a potencialidade de seu quadro, quando escolheram Rubens Salles para dirigir a turma, e mais felizes foram os elementos dessa turma que tiveram em seu mestre um amigo dedicado, um batalhador incansavel, o verdadeiro pharol que os levou á ser campeões.



Anno novo... Ironia da sorte...

Janeiro chegou, novo sól de mil esperanças...
Alegre como um bando de creanças,
A cantar
A bailar...

Veu depois Fevereiro, o mez
Pleno de barulho, loucuras sem ideal.
O Carnaval da vida
Dolorida...

Seguiram-se Março, Abril e Maio,
O mez suavissimo das flores,
Todo poesia e verdores,
Todo affeito aos amores...

Junho... o mez em que nasci
O' magua do mundo inteiro quando penso
Neste mez de frio... de frio...
Que gelou inteiramente todo o meu ideal
Mez em que morrem os bohemios
Nas noites enluaradas,
Nas sargetas regeladas...

Depois, Julho, Agosto e Setembro,
Todos a correr na mesma monotonia
Como si fossem primos-irmãos da bohemia,
Como si fossem velhos cançados, bem cançados,
Desesperaçados...

Outubro e Novembro...
São os derradeiros mezes do anno,
E que vêm chegando de mansinho,
E que vêm lembrando
Com meiguice,
Toda a velhice...

Por ultimo, como um suspiro de estertor,
Vem, Dezembro...
Olho para traz, nada alcancei...
Vendo ao longe, como o biblico Moysés,
A Terra Promettida
Da minha triste vida...
Vejo tudo desmoronado
Como os campos, asperos, enegrecidos
Depois das queimadas das florestas
E ouço alguém a me dizer ainda,
(O' ironia! O' ironia!)
Alguém que me diz ainda:
Bôas-Festas! Bôas-Festas!...

1927.

Alceu Chichôrro.

D. Julio Cesar dos Santos Viseu

Advogado

Esciptorio:
Rua 11 de Agosto, 34 - Sob.
Telephone, 2-6710

Expediente:
Das 8 ás 11 horas
Das 16 ás 17 horas

Creanças ingenuas

J. J. DE SOIZA REILLY.

A pequena está triste. Soffre... Que dôr será a da encantadora menina? Não é bonita? Oh! Sim, é! Com o seu vestidinho branco, com os cabellos de seda ruiva e os doces olhinhos, em vez de uma menina ella parece uma pomba... Olha! Está á porta de sua casa vendo quem passa. Os passeios da rua, cheios de crianças carregadas de brinquedos annunciam o Natal, e Sarinha, ao vêr esses brinquedos, pensa que ella não tem nenhum. Uma bonéca ao menos. Nada... Está triste por isso... De repente, vê chegar um personagem... Quem é? E' um mocinho. A menina sente-se córar. Elle, o Pepino, vem assobiando. Ao vel-a, deixa de assobiar, exclamando: "Que m'enina bonita!" Ella, entretanto, suspira: "Como palpita meu coração!"

Sabeis por que palpita assim o coração de Sarinha? Porque esse pequeno, de calça curta, se enamorou della. Enamorou-se loucamente... Todas as tardes passa na porta da menina, assobiando como si fôsse um homem... Passa e olha, sem parar. Mas hoje, ao vêr a tristeza de Sarinha, sente que debaixo do seu uniforme velho, o coração lhe dança, como ao som de musica.

Por isso, emocionado, pára deante da menina e com toda a ingenuidade fala com ella:

— Por que estás tu triste?

— Porque papae em vez de ir visitar o velho Noel para que elle me traga um brinquedo, foi ás corridas...

O pequeno fica indignado contra os homens grandes. Ao encarar essa horrivel desgraça, resolve converter-se em D. Quixote. Vê-de-o, agora, sentado... Pensa... Quer achar o meio de consolar sua noiva, dando-lhe um brinquedo. Procura nos bolsos. Nem um nickel! A fronte enche-se-lhe de rugas. Soffre. Tem vontade de chorar... De repente, põe-se de pé, sorrindo. Dá uma palmada no peito. Já encontrou o que procurava!

— Olha, pequenina! Já encontrei um presente para te dar. E' um presente e tanto. E' um brinquedo proprio para as mulheres. E' um coração. Toma-o. Está cheio de amor. Si não gostares delle pedes partil-o. Dá-me o braço. Vamos passear...

E Sarinha, feliz, muito feliz, ao ter á sua mercê o coração de um homem, sorri com um sorriso tão delicioso, tão suave, mas tão triumphador, que o menino julga levar a seu lado não uma menina mas a rainha milagrosa de uma historia que mamãe lhe contou e começava assim:

"Era uma vez uma rainha muito formosa, tão formosa que chegava a ser horrivel. Era muito má. Para se divertir brincava com o coração dos seus escravos, e depois fazia-os em pedaçoes como si realmente fossem brinquedos".

(Trad. J. J. de Sá.)

Entrevistando um "placard"

CONFISSÕES INTERESSANTES DE UM TORCEDOR SILENCIOSO

A noite estava silenciosa e a lua derramava uma claridade suave. Temendo uma traição por parte dos raios iluminadores do lindo luar, cheguei-me ao portão do campo do S. Paulo. Nada. Espreitei minuciosamente. Ninguém. Céleres, com a agilidade que o esporte nos dá, saltei o portão, sem fazer ruído. Encostado á grade de arame, fui caminhando cautelosamente, para abafar a bulha das folhas seccas que os meus pés calcavam. Si me vissem tomar-meiam por ladrão. Era esse o meu receio. Mas, eu estava entusiasmado com a empresa e, em breve, esquecia que me poderiam julgar um amigo do alheio. Parei quando vi na minha frente, o largo gramado verde, onde duas sombras negras dos postes da iluminação se destacavam na tenue claridade espargida por aquella noite magnifica. Ao fundo, sobressahindo-se da tela escura formada pelas arvores, erguia-se, branco, e erecto, o "placard". Era o objectivo daquella minha viagem nocturna. Soceguei-me quando o vi tão perto. Fiz um exame meticoloso de que ninguem me observava, e, tranquillo, tomei o campo pelo lado das archibancadas. Aproximei-me do "placard". Ali, o silencio da noite calma, era levemente quebrado pelo barulho surdo das aguas do Tieté.

A doçura do ambiente emocionava-me. Uma sensação extranha dominava o meu corpo. Cheguei bem perto do marcador e falei:

— "Bôa noite, "placard" amigo. Eu vim aqui para conversar com você. Eu queria saber a historia da sua vida, o que você tem visto, as suas vibrações. Conte para mim tudo isso. Conta?"

O silencio prolongou-se por alguns segundos. E depois, afigurou-se-me ouvir um estalido de madeira e, em seguida, escutar tambem, uma voz soturna que falava assim:

— Bôa noite, moço. E' audacioso para vir a estes lugares á estas horas. Mas eu compreendo... A juventude é uma grande força.



"Nunca accusei uma derrota do S. Paulo"...

Você veio para palestrar commigo, que sinto vontade de falar com alguem. Ha muito que eu só converso com as arvores. A historia da minha vida! E' a mesma de todas as arvores. Eu era um pinheiro altivo na floresta. Um dia cortaram-me, retalharam-me. E eu que nunca fôra esportista. fui transformado em "placard" de um campo de futebol. Uma dessas arvores disse-me, quando aqui cheguei, que eu deixára de morar numa floresta para residir em outra. Respondi-lhe, então, que esta "Floresta" só tem o nome. Mas, pouco a pouco, fui me acclimatando a este ambiente esportivo e depois de conhecer bem o "soccer" e admirar o S. Paulo F. C., tornei-me um grande torcedor, silenciosamente, "madeiralmente"...

Parou um momento. E eu, com receio que não continuasse a narrativa, perguntei:

— Narre-me alguma coisa sobre as contagens, as suas torcidas?

Ouvi o mesmo ruído e a seguir a mesma voz soturna continuou pausadamente:

— Fiz uma estréa auspiciosa. Magnifica. Foi contra o Vasco da Gama, do Rio. Eu já entendia bem o futebol, pois assistira a varios

treinos do S. Paulo. Uma inauguração nocturna. Eu sou um "placard" moderno. E nessa noite eu vibrei pela primeira vez com as jogadas maravilhosas dos elementos tricolores. Eu senti, por momentos e pela primeira vez, as agruras de um jogo empatado. Mas, o tricolor desempenhou trabalho e eu accusei brilhantemente a primeira victoria interestadual do São Paulo. Foi uma torcida vibrante ante a apurada technica do nosso quadro. Eu sou um torcedor silencioso... Depois veio o campeonato com elle um interesse mais forte para vêr, aqui do alto, os triumphos consecutivos do nosso clube. Logo nas primeiras partidas, vive o dissabor de

registrar, contra a minha vontade, dois empates do S. Paulo com o Athletico e Guarany. No primeiro dos jogos eu estava satisfeito, pois venciamos por 3 a 1. O meu 3 parecia sorrir. Eis que dois golpes infelizes dos nossos fazem com que o encontro termine empatado. Foi com amargura que annunciei os 3 a 3. O meu 3, agora, chorava. Depois veio o Guarany. Mas, eu lhe digo que a alegria e a satisfação das vinte victorias que tivemos, compensavam com grandes vantagens a tristeza dos empates. De-

(Conclue a pag. 35)

As aperturas de dois soldados

(Eis aqui uma historia, reprodução de um facto occorrido ha alguns annos, quando os personagens ainda militavam nas fileiras do esporte e do... Exercito).

Certa tarde, o Abbate, no pátio do Quartel General entre a multidão de sorteados viu em destaque, pelas costas, um rapagão tão alto como um poste da Light e interrogou-se admirado: — “Será o Biyngton?”

E era mesmo. Assim mais satisfeito, os dois defensores do

Paulistano juraram “solidariedade” e desde então se tornaram inseparaveis na caserna.

O Biyngton mais alto e mais “aguia” conseguiu em breve ser... cabo.

O Abbate sempre teve o fraco por uma somnéca... Quando se realizaram as manobras, os dois amigos estavam “juntinhos” e dahi o fazer a campanha na mesma “esquadra”.

Certa noite o Abbate foi destacado para uma sentinella avançada. Alta noite o Biyngton ao fazer ronda, estupefacto, encontrou o Abbate tirando uma “pestana” e não resistindo... assentou-se e tirou tambem a sua.

Ao chegar das 10 horas acordaram. Escutaram, escutaram, tudo mudo!... Volveram ao acampamento e, oh! decepção, o batalhão tinha partido!...

Que fazer?... Pensa que pensa, afinal acharam uma sahida: seguir as pegadas dos collegas.

Fincaram o pé na estrada e andaram varias horas. Não encontravam nem um transeunte, quanto mais casa!... Mas a barriga não quer saber de historias e o Abbate principalmente apertou a cinta ao ultimo “buraco”.

Afinal, lá ao longe, avistaram uma casinha e mais esperança-dos caminharam, depois do Biyngton ter tirado as botinas.

A’ frente da casa, dois pequenos que jogavam pião, ao vel-os entreolharam-se assustados.

— O papae está em casa, pequeno? perguntou o Abbate.

— Não sinoi, respondeu o maior.

— E a mamãe?

— Tambem, não sinoi.

— Você me poderá dar um pouco dagua?

O pequeno não respondeu e sahiu correndo. Momentos após voltou:

— Agua não tem, o sinoi qué cado de canna?

— Sua mamãe não se zanga meu pequeno?

— Não sinoi. Eu vô buscá.

O pequeno trouxe uma “cuia” cheia de garapa que ambos em tres tempos esvasiaram.

— O sinoi qué maise?

— A mamãe não zanga?

— Não sinoi.

E trouxe outra “cuia” cheia. Trouxe mais outra; e outra mais, que eram transportadas incontinenti para os estomagos inconsolaveis dos dois... soldados.

Afinal ante novo offerecimento do petiz, o Abbate perguntou:

— Mas a mamãe não se zangará mesmo com vocês?

— Não sinoi; ella ia jogá fóra, poque tinha dois ratinho moito.

Com os olhos a chispar de rai-va, o Biyngton pega na “cuia”, atira violentamente ao chão, esmigalhando-a com os pés.

O pequeno então é que põe a bocca no mundo, gritando:

— Agora sim! agora mamãe me bate poque o sinoi quebrô o que era della fazê “chi-chi”!!! Ahn!... Ahn!...

O Abbate, seguido do seu companheiro, não quiz ouvir mais, apertou a mochilla e sahiu por alli a fóra, numa carreira louca, como o Alfredo Gomes, deixando no chão, um longo fio de agua derramada.

E hoje, por nada neste mundo, podem os dois “paulistanos” nem ouvir falar em “caldo de canna”...

THYLBA.

A mulata torcedora

Todo o mundo conhece ella,
Diz que nasceu na Favella.
Mas, aqui é que ella tá,
Toda catita e gaiata,
E’ a minha dengosa mulata
A maió torcedora que há.
Entre os torcedô damnado
Vae ella aos tranco e barranco,
C’o seu vestido enfeitado,
De preto, vermelho e branco.
E lá, nas archibancada,
Onde ella fica sentada,
Dá uns viva todo assanhado,
Uns tchen-gô enfeitado,
Uns grito tão macriado
C’o uma voiz estridente
Que estremece toda a gente.
Faz da bocca um grande ô,
E diz “João, Clodô, Barthô”...
Dá uns tregeito nos labio
P’ra falá do Milton e do Fabio;
Mistura Junqueira, Luizinho,
Fried, Araken, Armandinho,
E termina com um sorriso fino
Exartando a pessoa do Bino.
A’s veiz ella fica mardosa,
Pelo S. Paulo, chorosa,
E eu fico c’o uma inveja bruta,
Desse meu crube batuta...
E pelo amô do meu grande amô,
Eu faço quarqué bestêra,
Sô capaiz de virá bandêra
Desse crube tricolô,
S. Paulo véio de guerra
O maió crube da terra!

Os Reis Magos

Eles vinham de muito longe, noite e dia viajando no dorso dos camelos e dos elefantes. Eles vinham do fundo do Oriente misterioso e traziam consigo as oblatas rituais: o ouro, a mirra e o incenso. Eles vinham da inacessível Agarta, onde vivem os magos enchendo de maravilhas indescritíveis os mundos subterrâneos e transfundindo os metais que são o tesouro da terra. E uma grande estrela cuja glória povoava o céu noturno os guiava pelos alcantilados caminhos das montanhas e pela face fulva dos desertos.

Seguindo a luz miraculosa, eles atravessaram a cordilheira do Kush, entre os picos soberbos, envoltos em nuvens, coroados de neves eternas, agulhas de granito rubro que furam o espaço; depois, caminharam pelas solidões do planalto ariano, onde sopram os ventos frios que vêm das regiões hiperbóreas e os esqueletos de animais desconhecidos e antiquíssimos juncam o chão. Attingiram os desertos sôdicos, amarelos como a pele dum leão, aqui e ali mosqueados pela mancha alumiante dum lago salgado. E subiram novas montanhas, e desceram a novos vales, e cortaram novos desertos, e transpuzeram rios caudalosos, e venceram dificuldades de toda a sorte, até que,

uma noite, da encosta dum monte, avistaram a planície de Bethlehem. Então, a estrela parou sobre o teto de palha dum velho caravanserail. Mais luminosa se fez. E o ar levemente se agitou, ao cantico suave, á musica suave, ao suave bater de azas dos anjos que iam e vinham:

— Gloria a Deus, nas alturas, e paz aos homens, na terra, de boa vontade!

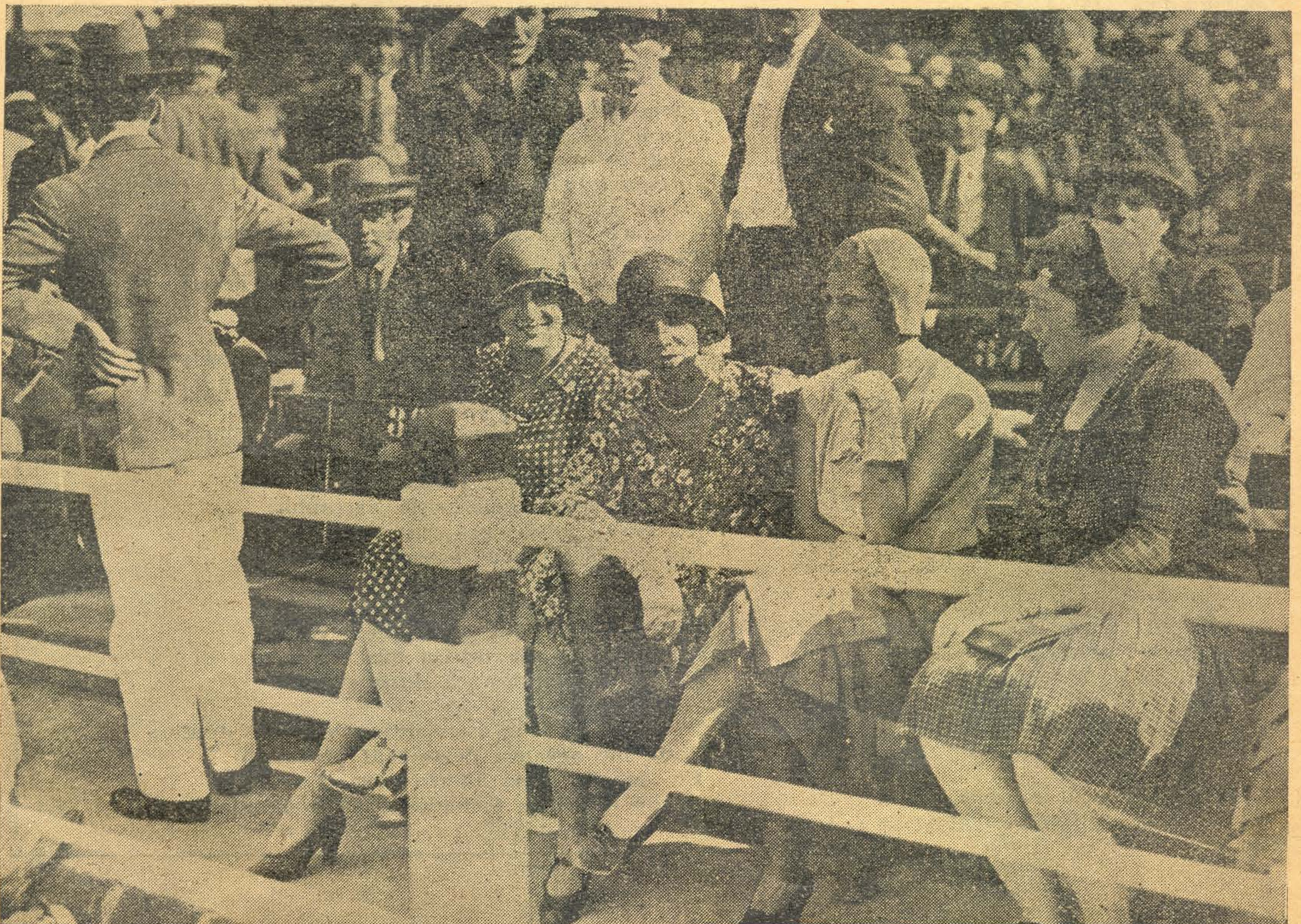
O sussurro das vozes celestes morreu no espaço e a luz magica da estrela cobriu de prata pulverizada os vultos estaticos dos tres reis do Oriente. E a voz se elevou, então, no silencio luminoso da noite:

— Gloria a Deus, nas alturas, e paz aos homens, na terra, de bôa vontade.

E eles foram adorar o Senhor recém-nascido. De volta, marchando uma noite pelo altiplano do Iran, eles sentiram que levemente iam subindo no ar. O passo regular dos seus camelos e elefantes não fazia mais o menor ruido. O céu azul escuro lanzejoulado de astros e banhado de luar rebrilhava cada vez mais aos seus olhos deslumbrados.

Assim, Gaspar, Baltazar e Melchior não regressaram a inacessível Agarta dos Himalaias e são hoje aquelas tres lindas estrelas que luzem, equidistantes, entre os esplendores noturnos do firmamento meridional, numa fila que lembra a Caravana da Epifania.

Gustavo BARROSO



Sorrisos encantadores emoldurando a tarde festiva de futebol, no rosario de victorias que o gramado verde da Floresta tradicional accusou no campeonato ha pouco findo.

Verdades e boatos

ESTA secção de diz-que-diz-que pelo transbordamento de jubilo do seu autor pelo levantamento do campeonato de 1931 pelo nosso querido S. Paulo. Foi um feito brilhantíssimo e, "pyrotechnicamente", Buscapé se associa aos infundáveis applausos que o onze tricolor tem recebido.

Dito isto, relatem-se as "coisas", "as comidas" e as "mancadas", que se passaram com os jogadores do S. Paulo, atraz das cortinas, nos bastidores.

* * *

SALÃO do Commercial. Joãozinho fidalgamente sentado num "mapple". Pose de campeão. Aproxima-se um reporter. "Joãozinho, uma entrevista". O firme guardião fala resolutivo. Poucas palavras. O João parecia, nessa hora de importancia, o arqueiro do seleccionado do mundo...

* * *

CLODÔ reuniu este anno uma série de qualidades apreciáveis: campeão de futebol, patinador, numero interessante da Radio e finalmente orador, pois o seu vozeirão se espalhou pelas ambitos do salão do Clube Commercial. Sem duvida Clodô se fez detentor de um recorde até então inatingido: das boas qualidades...

* * *

O BARTHÔ pouca coisa falou durante o jantar. As suas conversas eram só com o "menú". Pescadinha á dorée, Filets, etc. Ficou furioso com o Coelho, quando este interrompeu o jantar para fazer um discurso. Depois vingou-se dizendo: — O Coelho. Você não dá no futebol mas, p'ra falar você se salva...

* * *

SASSO, perturbado com a sua propria revelação, reuniu, por meio de circulars, toda a sua familia em S. Paulo para assistir a sua exhibição. Todos vieram do interior e ficaram orgulhosos das mais fortes promessas do futebol paulista.

Isso não é boato, é verdade!

* * *

LUIZINHO sahia do campo do Parque S. Jorge bancando o "chauffeur", quando um torcedor lhe falou meio zangado:

— Como é que você perdeu aquella bola na bocca do "goal"?

E o garoto respondeu calmamente:

— Fiz de proposito. A nossa tabella é 4... Não se póde passar...

JUNQUEIRA e Chiquito formam uma dupla admiravel. Laurel and Hardy — o gordo e o magro. Moram juntos actualmente, na mesma pensão. O centro-medio do 2.º time tem feito uma propaganda da sua actividade em pról do successo do menino. Outro dia contava:

— Vejam só! O Junqueira queria sahir ás 7 1/2 para ir ao cinema nas vespas do jogo com o Corinthians. Disse-lhe: — Vae p'ra cama, "seu". Não quiz ir. Vae p'ra cama e já. E como não quizesse obedecer ao seu "treinador particular", peguei-o, tirei toda a sua roupa, dei-lhe umas palmadas e o puz na cama. Assim mesmo não queria dormir. Precisei cantar o "Dorme, dorme, filhinho..."

* * *

FARIA foi um heróe na campanha da alegria em commemoração da formidavel victoria do São Paulo. Incentivava na hora que a turma precisa entusiasmo e ri abertamente quando esse ardor

tem resultados. E' um colosso! De um espirito vivaz e maleavel o "Herminimo" tem respostas e imagens humoristicas a todo momento. No banquete do Commercial esteve admiravel. Falou em japonéz, italiano, allemão e inglez. Ao falar imitando italiano, o moço do elevador do clube, que sapeava a festa por uma porta, disse para um companheiro:

— Você stá veno como ilo parla com ardore. Isso é porque ilo té no peito a veia do sangue palestrino...

* * *

PEREZ, é o unico rival do Barthô no garfo. Tambem é um bicho. O Bino ficou aterrorizado ao vêr o Perez comer regularmente os pratos do "menú" e depois chamar o garçon e encomendar mais alguns pratos que constituíram outro jantar. Não se conteve e disse:

— Perez, isso é "mancosi", pura "mancosi"...

— Ah! Seu Bino. Depois que eu fiz a operação no nariz é assim...

Diz o Sasso:

— Outra "mancosi"! O que tem o nariz com o... estomago?

BUSCAPÉ

MINHA VIDA

ALTHAIR G. MIRANDA.

Quem não sabe desta alma dolorida,
Quem não sentiu meu coração de perto,
Julga talvez, feliz a minha vida,
Julga-a talvez, um paraíso aberto.

Emtanto, taes têm sido os desenganos,
Tão longa e aspera vae esta jornada,
Que eu a despeito dos meus poucos annos,
Já me sinto da vida fatigada.

Grande e extenso é o meu mal, fundas as penas
Que abrigadas em mim, vivem commigo;
A minha socia é a dor, a dor apenas
Que achou em mim o seu melhor abrigo.

Ella não é a socia passageira,
Não é apenas uma socia extranha;
A dor é a minha propria companheira
Que todos os meus passos acompanha.

Essa dor me comprou com tal usura,
Tantos passos que dou vela e vigia,
Que, se, um dia provei um ventura,
Já perdi a lembrança desse dia.

Nada me attrahe e encanta o olhar tristonho;
Nada me arranca deste mal profundo;
Eu sigo de alma aberta para o sonho
E vou de olhos fechados para o mundo.

Aproveitando o "K"

Ligado ao — belo —, temol-o na cabeça.

Pronunciando-o qualquer com — fé —, terá a principal fonte de riqueza do Brasil.

Ponham-no junto do — pote — dará abrigo contra o frio.

Transformem-no em — louro — verão o estudante novato.

Encoste-se a qualquer — lote — e dá-se ao costume de não pagar dívidas.

Vista-lhe uma — murça —, tel-a-á macia e delicada.

Se lhe acrescentar o — pelo — será a mais honrosa conquista acadêmica.

Basta que o ajunte a uma — bala — para ganhar uma eleição.

Unido às sílabas — sete —, será uma arma terrível.

Ajunte-se a um — sino —, e dará uma sociedade recreativa.

E se em lugar de um sino fôr — sineta —, servirá para um paletot.

Pendente do bico da — pata — valia 320 réis.

Em frente do — lado —, não dirá coisa alguma.

Prendendo a um — valo —, resulta um util animal.

Adiante da — Sé —, é uma maçada.

Antes de — valete —, dá o nome a uma armação muito conhecida.

Coloque-se diante de um — Brito —, começa logo a saltar.

Se o puzermos depois de — má —, serve para levar enfermos.

Pondo-o ao lado de um — Mello —, ver-se-á um animal africano.

Junto de uma — veta —, haverá com que escrever.

Antes de mais — nada —, poderá valer quatro quartilhas.

Se o collocarem perto de — gado, — transforma-se num amfibio.

Ao pé de — leça —, servirá para conduzir gente.

Se o collocarem junto do — Marão —, vel-o-ão feito crustáceo.

Se elle apparecer na — liça — provém de velha parede ruinada.

Dê-m-lhe a — mão —, e vel-o-ão feito ave pernalta.

— Ao lado de alguma — vaca — será bastante doce.

Offereçam-lhe uma — pélla — e terão assim um edificio religioso.

Cubram-o de — poeira —, que poderá servir de abrigo a aves domesticas.

Antepondo-o a uma — roça — terão um meio rudimentar de locomoção.

Pintando-o a — duco —, terão um futuro brilhante.

Em principio do — Martello — transformar-se-á em instrumento demolidor.



Naquelle momento difficil para a meta do S. Paulo, todos os tricolores se concentrava em um unico ponto: A defesa da bola. Joãozinho Bartho e Bino estão attentos e Romeu cahido.

Pola Negri

A sua vida amorosa e sua primeira paixão, aos 15 annos.

Pola Negri, a festejada e conhecida actriz cinematographica, deu ha annos, ao "New York American", uma entrevista a respeito da sua vida amorosa.

Pola Negri não gosta de conversar com jornalistas, porque os acha particularmente indiscretos, augmentando sempre pontos á historia que conta.

Em todo o caso accedeu em dizer algumas palavras a respeito da sua vida amorosa.

Pola Negri teve a sua primeira paixão aos quinze annos de idade, a qual terminou em uma infelicidade, porque o seu amado morreu. Desgostosa, deixou sua terra natal, a Polonia, e partiu sózinha para Berlim.

Através de intrigas, lutas, desesperos, viu-se logo cercada por uma multidão de apaixonados, que lhe offereciam fortunas, posições, fama e glorias.

"Em Berlim, encontrei-me em um mundo de homens.

"Embora tivesse sómente dezoito annos de idade, consegui

trabalhar como actriz principal no Theatro de Max Reinhardt, e o meu exito foi tão grande que ainda hoje me lembro desse theatro berlinense como um dos mais bellos titulos de toda a minha vida. Alguns mezes depois, deixei o theatro seduzida por uma companhia cinematographica. Offereceram-me mais dinheiro do que ganhava no theatro. Aceitei. Entrei em um novo mundo. Mas vim novamente cercada por apaixonados. Não amei, porém, um dos cem que queriam dar-me o seu coração, a sua fortuna e a sua fama.

"Eu vivia, como se a minha alma não existisse.

"E' preciso comprehender o que digo pensando na vida artificial que leva uma grande estrella, cercada pela vaidade, pela adulação, pelo luxo.

"Um dia, porém, encontrei o meu Waterloo.

"Foi durante os dias terriveis da guerra. Desejei partir da Polonia para a Allemanha, em uma visita, e levava commigo uma caixa de joias.

Chegando á fronteira, fui deti-

da por soldados. Era preciso que eu pedisse permissão ao commando. Respondi:

"Um homem? Ser-me-á facilimo... Dentro de quinze minutos passarei..."

Em vez disso, esperei seis horas em uma ante-sala. Afinal appareceu o commandante, um official magnifico, o Conde Eugenio Donski. Quiz mostrar-me que nem todos enlouqueciam — com ver-me.

Pertencia a uma casa muito nobre. Passei a fronteira e passei tambem a fronteira do matrimonio, porque tres semanas mais tarde eu estava casada com elle.

Um anno depois nos separámos. Elle casou com uma filha de um notavel politico dinamarquez.

Devo dizer que não o amei de verdade... Ainda não era esse o meu grande amor... Afinal, deixei a Allemanha, e parti para os Estados Unidos. Encontrei Charlie Chaplin. Elle era um homem encantador — brilhante e magnetico. Ficámos amigos.

Amei-o? Não. Apenas nos interessámos um pelo outro. Os jornaes nos deram casados. Inexato. Outros homens tomaram o logar de Charlie Chaplin — Rod La Rocque, o joven Principe Troubetzboy. Bill Haines e outros — todos excellentes rapazes e amigos. Tentei — amal-os. Vendo que não podia ter por elles nenhum amor, afastei-me.

Eu estava á espera do grande amor de toda a minha vida. Um grande amor, maior do que todas as normaes, legaes e humanas.

Foi então que encontrei Rodolpho Valentino. Nossas almas se encontraram. O destino, porém, estava á espreita, e no momento em que iamoz realizar as maiores ambições da nossa vida Valentino partiu desta terra, para outras regiões."

— Que tal achou o cinema fallado?

— Não encontrei novidade nenhuma.

— Mas será possivel?

— De certo! Pois você não sabe que sou surdo?

Ella — Teus insultos não produzem effeito algum. Nunca conseguirás o que pretendes!

Elle — E que é que pensas que eu pretendo?

Ella — Queres que eu vá para a casa de mamãi. Mas, não e não. Chamal-a-ei para que venha aqui,

Roupas brancas finas
sob medida

D. GENTILE

O camiseiro do mundo chic

Rua Conselheiro Furtado, 10

Tel. 2-4584

Corrida de Marathona

Muita gente, mesmo muitos dos nossos jovens esportistas, não conhece a origem da corrida rasa de 40 kilometros a que se dá o nome de Marathona, corrida essa muito em voga nos meios esportistas internacionaes para se conhecer a "performance" dos corredores pedestres; vamos, pois, dar uma pequena explicação a respeito: Marathona em grego quer dizer "campo de funcho" e era o nome de uma planice que existe proximo da cidade de Athenas, capital da Grecia actual; nesse local, em 12 de Setembro do anno 490 A. de C. verificou-se uma grande batalha entre os exercitos atheniense (grego) e persa, cabendo ao primeiro a victoria. O exercito persa era poderosissimo e 20 vezes mais numeroso que o atheniense e obedecia ao mando de Arthaphérnes, famoso general o qual vinha devastando toda a Grecia, estando bem proximo de sua capital (a 40 kilometros). Os cidadãos athenienses, com seus escravos, em numero de 10.000 approximadamente, sob o commando de Milciades, dispuzeram-se a expulsar os inimigos e deram-lhes batalha na planice de Marathona. A pericia do general atheniense e a bravura dos seus commandados levaram o desanimo ás fileiras inimigas e assim a Grecia viu sua capital salva e seu territorio livre dos invasores. Segundo dados historicos, os persas perderam 6.000 homens ao passo que os athenienses apenas 192 os quaes foram enterrados no proprio local e sobre a tumba, levantado um monumento que existe até hoje. Logo que se decidiu a victoria, um soldado atheniense, ainda fumegante do sangue dos inimigos, destacou-se do exercito e foi levar a Athenas a feliz nova. Foi tão rapida a sua carreira, após o combate tão encarniçado, tal o excesso de cansado que ao chegar á praça publica teve apenas tempo para gritar: "Regosijae-vos, pois ficamos vencedores.", e cahiu logo morto. Os athenienses, em memoria desse heroe, crearam a celebre corrida de 40 kilometros a que deram o nome Marathona.

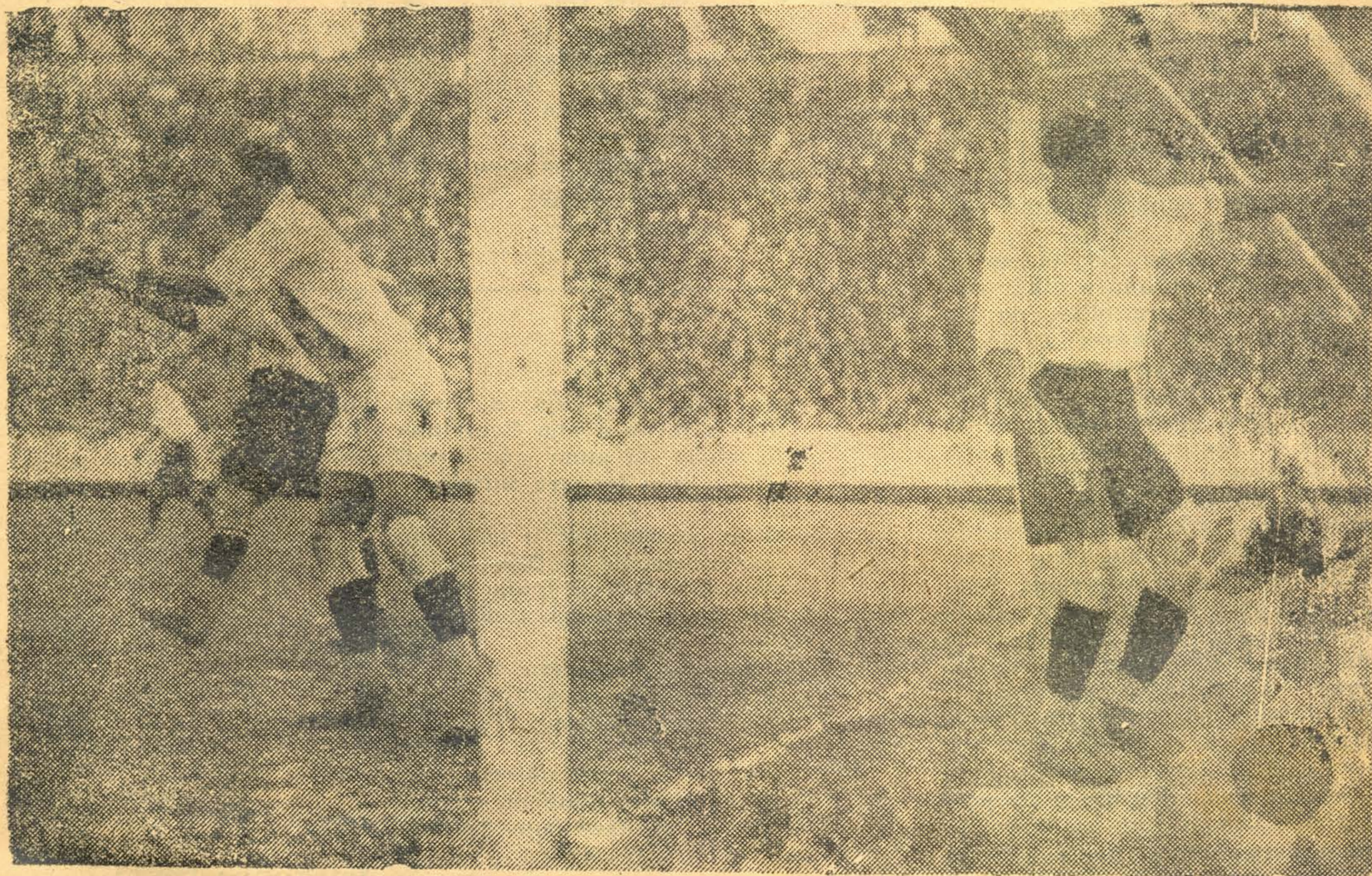
CONTA DE CHEGAR...

Um joven guarda-livros que trabalhava num banco, pediu ao chefe um augmento de ordenado.

A resposta foi a seguinte:

O senhor trabalha, diariamente, oito horas, portanto, só a terça parte de um anno	121 dias
Menos um domingo por semana	52 "
Saldo	69 "
Aos sabbados, só trabalha 1/2 dia, perfaz no ano um total de	26 "
Saldo	43 "
Todos os dias tem uma hora de almoço, perfaz num anno . . .	13 "
Saldo	30 "
Todos os annos tem duas semanas de férias	14 "
Saldo	16 "
Feriados e santificados	12 "
Saldo	4 "
Por outros motivos, o senhor falta, no minimo	4 "
	0 "

E para não trabalhar nada o senhor quer augmento de ordenado?



Historia de um beijo

O baile ia em meio e a conversa entre os dois animára-se por serios motivos.

— Então, minha senhora, está mais que resolvido: o meu sobrinho é, desde já, noivo da sua gentil filha...

— Sim. E considero-me feliz por isso. Ambos são dignos um do outro...

— Jovens e bons, como são. — E o major, apontando para o lindo par que conversava ao luar, continuou como num sonho, abstracto:

— Sejam venturosos, meus filhos... Ah, se a felicidade me tivesse sorrido! Quanto seria diferente esta minha vida, quantas flores no meu caminho, sempre tão crivado de espinhos... Como vão ser ditosas, essas crianças!

— Falando assim, com tantas maguas, o senhor deve ter soffrido muito. — E, rindo, a linda viuva duvidou:

— Com essa physionomia ainda moça, um olhar tão vivo, todo um aspecto saudavel... Palavra, major, não creio nos taes espinhos.

— Na verdade, minha senhora, alguns soffredores do amor costumam forçar a natureza, amortecendo o olhar e curvando o dorso ante a desventura. São porém, os que amam as sensações dolorosas sem lhes supportarem o peso demasiado. Mas... eu sempre fui forte!

— Mesmo contra alguma paixão possível?

O official não respondeu de prompto. Mergulhou o olhar fulgurante no negro olhar da senhora e sentiu, nessa fusão de luz terna, a força extranha, fascinadora, que só uma vez na vida, o subjugára. Reviu, na dolorosa nevoa do passado, toda uma scena deliciosa, pontilhada ligeiramente de um doce remorso, como que intriga do Destino, de fios magicos, tecida para torturar-o no resto da existencia. Subjugado pela firmeza com que a sua interlocutora sustentava o fogo que sentia desprender-se dos seus olhos voltados tambem, numa dupla sensação, passa tempo, remoto, para uma reminiscencia que sempre lhe sulcára fundo o coração, respondeu um tanto perturbado, como que, conhecendo que, perto de si, havia alguma coisa que se ligava áquella sau-

dade que era a unica suavidade dos seus dias e que a cadeia, que o prendera, havia alguns annos, não se quebrara totalmente:

— Mesmo contra essa paixão...

— Então, o major amou?

— Amei demais, durante minutos. Começou com uma curiosidade, depois uma perturbação e acabou num delicioso furto, seguido de uma fuga precipitada de criminoso imperdoavel...

— Está corado como uma donzella... Commetteu, o senhor, um typo apontado por todos como a expressão da lealdade, do cavalheirismo enfim, alguma acção má, irremediavel?

— Remedial-a, quero eu. Mas como, si não conheço a minha formosa victima? Naquelle tempo era — e isso foi uma das poucas coisas que nella percebi — uma senhora casada e bem moça ainda...

— Complica-se o caso!

— Não, porque o meu gesto allucinado seria o mesmo, fosse qual fosse o estado civil daquelle lyrio... Ouça v. exa., o meu crime consiste em ter ferido a susceptibilidade de uma joven que não conhecia e nem conhecerei, se o acaso não vier em meu auxilio. Depois, fiquei no mais extraordinario estado d'alma. Sabe, minha senhora, o que é amar o impossivel, sonhar com as nuvens côr de rosa e oiro, sem poder attingil-as? Ter a certeza de que o coração pulsa sem um fim, dentro de uma vida ardente de caricias unicas, mas que nunca virá? Amei e amo assim, com desesperança, desfazendo a minha ternura dentro do impossivel.

— O senhor, major, aguçou-me a curiosidade. E, já que tão

impressionante prologo fez desse delicado drama, desenvolva toda a acção, peço-lhe...

— Ora, um pedido, partindo de tão linda bocca... — E o official suspendeu a gentileza, passmo de si, esforçando-se por fugir á mesma impressão antiga que precedeu ao seu desvairo de um momento...

— Cumpre-me dizel-o que o senhor, caminhando por sobre espinhos, é stoico, sabe ser galante — concluiu, a rir, a interessante senhora.

— São vislumbres da vida mundana que me chegam quando olho a formosura de um rosto...

— Bravos!

— ... e a alegria estonteante das minhas interlocutoras. Momentos tão difficeis de encontrar... Vou principiar a contar o caso que me perturbou para sempre...

— Primeiro, o scenario.

— Sim, para impressionar. Era o recanto de um salão, ensombrado por samambaias gigantes... Dava para uma varanda de onde eu sahia, depois de ter respirado a brisa do mar...

— Um pouco iodada.

— E' portanto, tonificante... Retirando-me dalli, entrei nesse pedaço do céu...

— Só com as samambaias?

— Não, minha senhora. Dê treguas á sua doce ironia porque, em breve, vae sensibilisar-se, vae ter piedade de mim... Era céu aquelle pedaço do salão porque, furtando-se ao bulicio de um baile tão animado como este, uma admiravel creatura recostára-se, não me lembro mais em que movel, para descansar. Parei, commovido, e só a via, comtudo,

(Continua na pag. 17)

SINCERIDADE

— "Qué casá cum eu?" nhô Gama diz, a medo a nha Bemvinda e, cheio do amor que o inflama, fita-a com ternura infinda.

Ella, porém, que o não ama, lhe responde — Não ainda Vancê sabe, eu tenho fama de moça ferosa, linda.

Premêro, eu quero gosá a vida, inté eu s'injuá e, espois, eu caso: Tá bão?"

— Mais... lhe objecta elle, Chavié, — Mais, espois tambem, o que é que eu vô fazê cum "canhão"?!

Historia de um beijo

(Continuação)

a tres quartos, como se diz. Mas, o decote deixava a nu' uns hombros redondos e de uma alvura tocante. Soffri a tonteira das surpresas agradaveis, mas consegui immobilizar-me para não perturbar aquelle abandono impressionante, nem cortar a delicia dos meus olhos maravilhados... Aos poucos, a linda cabecinha, toucada de uns cabellos negros, e depois de acariciada pela mão da sua dona — então, é que percebi ser casada — que procurava socegar uns corymbos brejeiros que lhe beijavam o pescoço, se foi inclinando sobre o lado esquerdo até apoiar-se na palma da outra mão. Creio que adormeceu. Bem pertinho della, os meus olhos passaram a procurar bellezas no marmore branco dos seus hombros. E uma leve brisa, impregnada — bem me lembro — do perfume das magnolias, enervante e traiçoeira, para nós dois, levantou a renda que lhe velava capitosamente o hombro direito... Oh! céos, que signal negro alli... Era como um... Mas, o que tem, minha senhora? Agora, é v. exa. que está corada... Sente-se mal?

— Não, é que estou a perceber que vem proximo o seu... crime.

— Não ri mais, então? Pois, o tal signal era como, como... — que imagem difficil! — uma pequena serpe negra, uma cobrazinha de onyx que parecia desencravar-se do jaspe daquellas espaduas e ir colleando, cautelosa e má, por sobre o busto adormecido, calmo no doce rythmo respiratorio, procurando talvez para morder, o lobulo da sua minuscula orelha prendendo no seu nacar uma perola... Entreguei-me, então, ao devaneio. Apeguei-me ao signal, dei-lhe movimentos e não podendo resistir mais á obsessão farto de só vêr, atirei-me...

— Que tem, major? Por que esse olhar angustiado? — perguntou, a rir outra vez a linda senhora.

Fôra uma leve brisa, talvez agora perfumada pelas rosas desse outomno que tudo cercava de encantos, até áquelles dois entes ainda tão fortes e bellos, que virára a renda que beijava o seu hombro e, aos olhos espantados do official, surgiu a mesma pequenina serpe que parecia collear para um lobulo rosado que prendia a mesma perola. E o conto não foi além. Mas, insi-

O entusiasmo do Consul

Francisco Marino é um velho esportista que se vem destacando pelo seu amor ao Paulistano. E nem era para menos.



Francisco Morino

Fez-se ali, no antigo e saudoso Velodromo, onde uma élite admiravel cultivava o futebol. Mas era um futebol superior em

nuante, calma, sorrindo-se de modo a encorajar o envergonhado major. ella concluiu:

— E beijou-a, não é verdade, envenenando-se para sempre? Depois, fugiu, deixando a pobrezinha acordada, buscando, a circuncavagar os olhos offuscados, o atrevido...

— Elle pede que o perdôe... A falta está prescripta. Quinze annos...

— Hum... A offensa foi grave, major.

— Como remedial-a, então? Quero ser honesto, minha senhora!

— Bem, já que o fim é nobre, está perdoado.

— E concede-me o balsamo para a minha longa tortura? Dá-me a sua mão?

— Se é para cural-o, a caridade força-me a dizer-lhe que... sim.

E, logo nos dedos rosados da linda viuva, um beijo respeitoso depositou-se, enquanto a causadora de tudo, a serpezinha, se occultava sob a protecção da renda...

JANSEN TAVARES.

technica, entusiasmo e moral.

Posto que ainda criança o Marino acompanhou a trajetoria brilhante dos aureos tempos e ficou com o Paulistano.

Fez ali uma grande amizade, conseguindo a estima de todos os veteranos de hoje, mormente de seu presidente, a figura inconfundivel de Antonio Prado Junior.

Quando fala do esporte, já o Marino se inflamma e destaca logo o Paulistano.

Assim foi atravez dos annos.

Tal o seu ardor, que conhece toda a vida do glorioso e se recorda nitidamente dos maiores feitos esportivos do Clube do Jardim America.

A torcida, sempre pittoresca deu-lhe um titulo a calhar. Como o Marino emprega a sua actividade no Largo do Thesouro, chamaram-no: "Consul do Paulistano no Largo do Thesouro".

Com o advento da Laf, passou elle a ser o "consul" daquela entidade.

Passam-se os annos e com elles desaparece a Laf.

Mas perdurou a sua fidelidade ao glorioso Paulistano, com o mesmo ardor, com o mesmo amor.

O S. Paulo! Era natural, o Chico arranjou-lhe um lugar, um grande lugar em seu coração de afeiçoado.

E ali se reúne diariamente um nucleo entusiasta de esportistas a discutir futebol e a exaltar o S. Paulo.

Um dia, disse-nos o Marino.

— O Paulistano é a minha preocupação esportiva, mas o São Paulo, como o seu herdeiro, também occupa lugar em minha paixão pelo esporte.

O Chico no anno atrazado, como todos os torcedores e associados, soffreu as desventuras do S. Paulo.

Sentiu aquella série immensa de empates, que prejudicaram o clube. E soffreu calado, recalcan-do um sentimento forte.

Este anno elle foi optimista. Desde o inicio dizia convicto:

— O S. Paulo, desta vez, vencerá. Seremos os campeões.

Vieram os jogos e se aproximou do final do campeonato.

As desforras valeram ao Chico uma boa dose de bom humor.

No dia seguinte, ao jogo final, ainda cedo, passámos pela sua tenda de trabalho e o "consul", todo sorridente, mas completamente rouco, aproximou-se e disse-nos ao ouvido, n'um esforço herculeo:

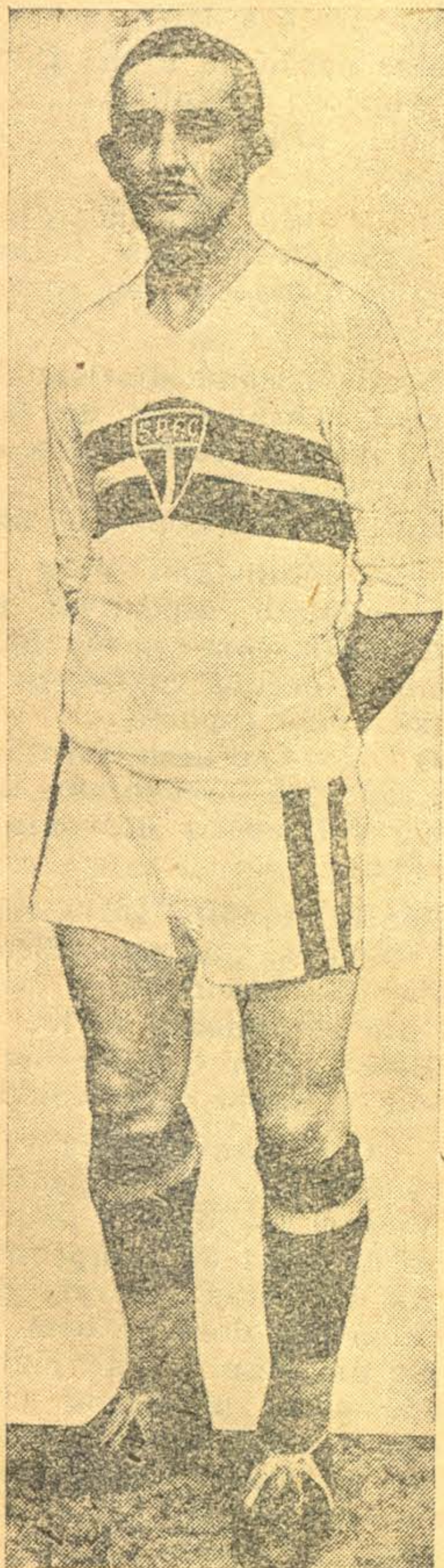
— S. Paulo!...

Hurrah ! Siriri !

Si o campeonato paulista coube com grande brilho ao S. Paulo F. C., entretanto ao clube tricolor essa conquista lhe custou não pequenos sacrificios e esforços.

Nestor, o arqueiro elegante, extraordinario e dedicado ao clube, poude livrar-se de consequencias funestas de um minuto de malvadez, um outro dedicado companheiro não se livrou do golpe occasional que a sorte lhe preparara.

SIRIRI aguarda novamente o leite do hospital, ás mãos cirurgicas de um habil profissional.



Mas, os seus amigos e companheiros de lucta não o esqueceu E "O Tricolor", neste preito de homenagem ao campeão dedicado, pede a Deus pelo seu breve restabelecimento.

"Tricolor Clube"

Havia uma certa necessidade de um bloco de tricolores, a desenvolver suas actividades onde não fosse possivel a acção official do S. Paulo.

Os grandes clubes paulistas têm seus grupos, que lhe prestam innegaveis serviços.

Assim, um dia, surgiu o TRICOLOR CLUBE, composto de associados e com o fim de proporcionar aos seus elementos todas as diversões possiveis, desde as de salão até as esportivas.

O conjuncto de futebol já tem effectuado alguns jogos, delles se sahindo bem.

E' idéa de seus dirigentes montar no centro da cidade uma bem mobiliada séde social, que será um grande attractivo para os socios.

O programma do novel TRICOLOR CLUB está sendo cuidadosamente elaborado, e dado o crescente entusiasmo que se nota nas fileiras tricolores, dentro de breves dias o novel clube está em pleno funcionamento, contribuindo, assim, para maior progresso do S. Paulo F. C.

Dois gatunos foram postos no mesmo xadrez, um por haver roubado uma vacca e o outro um relógio.

Ao amanhecer, o que roubou a vacca perguntou ironicamente ao outro: — Companheiro, póde dizer as horas?

— Não sei, tornou o outro, sorrindo, mas deve ser hora de tirar o leite ás vaccas.

Edmundo Amorim

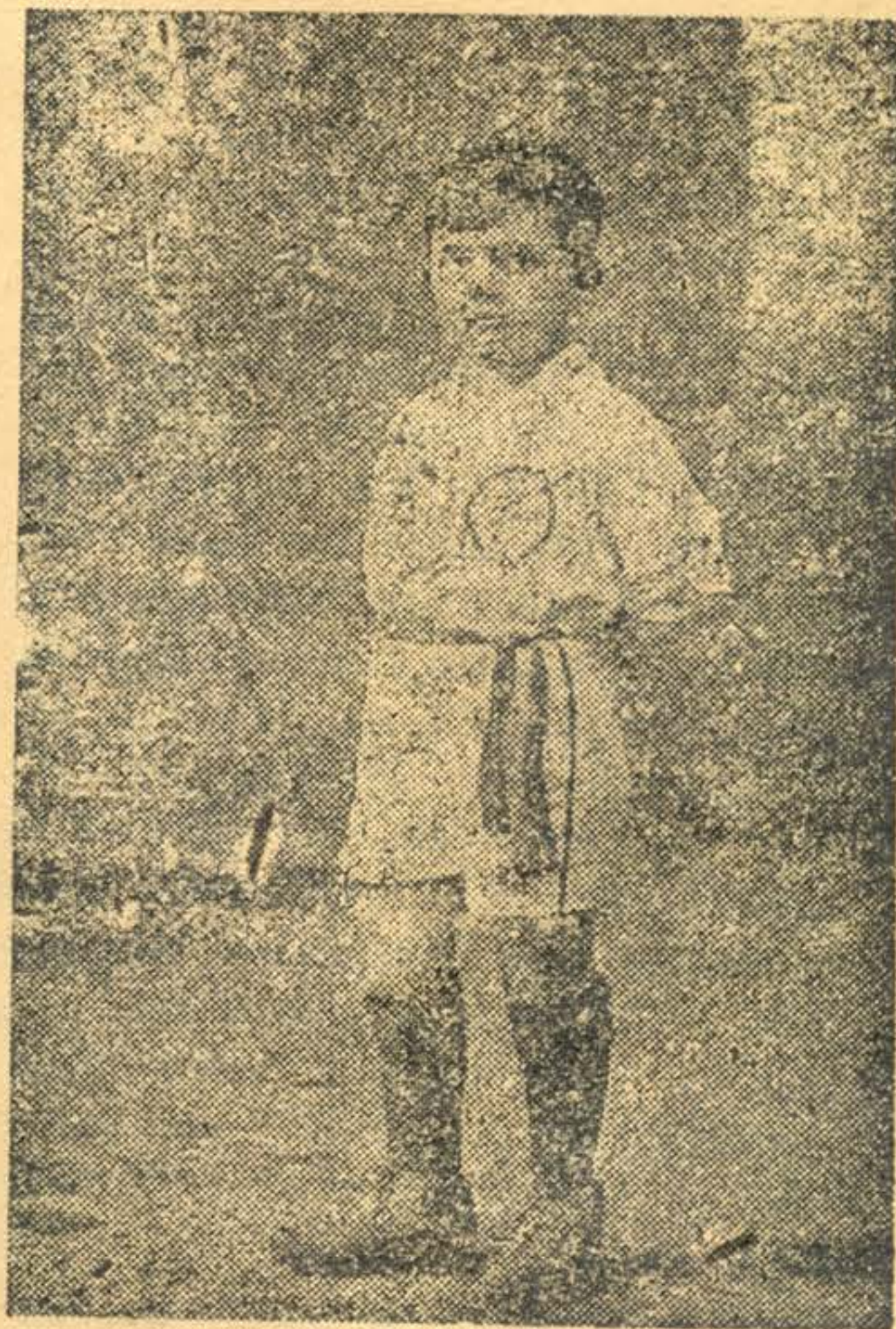
O veterano e consagrado esportista Edmundo Amorim, um dos directores e fundadores d'"O Tricolor", deixou-nos ha dias.

Os seus multiplos affazeres e, sobretudo, o sobrecargo de actividades que o obrigaram a viajar constantemente para fóra do Estado motivaram essa retirada temporaria do nosso baluarte.

Essa ausencia que nós lamentamos será atenuada porque mesmo nos poucos momentos de folga o Amorim não se esquecerá d'"O Tricolor".

Para substituil-o entrou para a gerencia um dedicado esportista tricolor, o snr. Mario Cunha Rangel, moço entusiasta e trabalhador.

De hoje em diante apparecerá a nossa revista modificada na sua direcção, mas augmentada pelo ingresso do novo esportista, que se apresenta cheio de entusiasmo pelo progresso d'"O Tricolor".



O Néco, que vemos acima, filhinho do snr. Licinio Motta e de d. Florinda da Motta, é um endiabrado futebolista. Apesar dos seus sete annos, já elle anda a chutar bolas e a dizer a todos que quando fôr homem será zagueiro do nosso S. Paulo.

Promette, o pequeno.

São Paulo

Terra da liberdade!
 Pátria de heróis e berço de guerreiros.
 Tu és o louro mais brilhante e puro,
 O mais bello florão dos brasileiros.

Foi no teu solo, em borbotões de sangue,
 Que a fronte ergueram destemidos bravos,
 Gritando altivo ao quebrar dos ferros:
 “Antes morrer do que viver escravos”!

Foi nos teus campos de mimosas flores,
 A voz das aves, ao soprar do norte,
 Que um rei potente, ás multidões armadas,
 Bradou soberbo “Independencia ou Morte”.

Foi no teu seio que surgiu sublime,
 Trindade eterna, de heroismo e gloria,
 Cujas estatuas cada vez mais bellas
 Dormem nos templos da Brasilia historia.

Eu te saúdo, oh majestosa plaga!
 Filha dilecta, estrella da nação
 Que em brios santos carregaste os cilios
 A’ voz cruenta do feróz Bretão.

Regaste os ares de sagrados cantos,
 Ergueste os braços e ouviste a guerra
 Mostrando ousada ao murmurar das trelas,
 Bandeira immensa da Cabralia terra!

Eia, caminha! Oh Pantheon da gloria.
 Te guarda o louro que premeia os bravos,
 Vôa ao combate repetindo a lenda,
 “Morrer mil vezes que viver escravo”.

Balanço numerico do 2.º turno

1.ºs QUADROS

18 de outubro

A. A. S. Bento	1 - Palestra Italia	4
E. C. Germania	1 - E. C. Syrio	5
Guarany F. C.	2 - C. Paulista	2
S. Paulo F. C.	6 - C. A. Ypiranga	0
C. A. Santista	W. O. - Santos F. C.	0
E. C. Internacional	1 - C. A. Juventus	1
E. C. America	1 - A. Portuguesa de E.	4

TENTOS MARCADOS — 28

24 de outubro

A. Portug. de E.	1 - Palestra Italia	3
A. A. S. Bento	2 - E. C. Syrio	0
E. C. Internacional	1 - C. A. Santista	2

TENTOS MARCADOS — 9

25 de outubro

S. Paulo F. C.	4 - Santos F. C.	2
C. A. Ypiranga	0 - Guarany	2
E. C. America	0 - E. C. Germania	1
Corinthians	4 - C. A. Juventus	1

TENTOS MARCADOS — 14

31 de outubro

E. C. Internacional	0 - S. Paulo F. C.	2
-------------------------------	----------------------------	---

1.º de novembro

C. A. Juventus	1 - A. Portug. de E.	3
E. C. Syrio	1 - Palestra Italia	3
Corinthians	3 - A. A. S. Bento	1
E. C. Germania	3 - C. A. Ypiranga	2
Guarany F. C.	0 - Santos F. C.	3
C. A. Santista	4 - E. C. America	0

TENTOS MARCADOS — 28

8 de novembro

E. C. Internacional	1 - Guarany F. C.	0
A. Portuguesa de E.	2 - C. A. Santista	2
S. Paulo F. C.	7 - C. E. America	1
C. A. Juventus	0 - Palestra Italia	4
Santos F. C.	0 - E. C. Germania	0
C. A. Ypiranga	0 - A. A. S. Bento	2
Corinthians	0 - E. C. Syrio	2

TENTOS MARCADOS — 25

15 de novembro

Corinthians P.	2 - Palestra Italia	3
E. C. Syrio	5 - C. A. Ypiranga	1
A. A. S. Bento	2 - Santos F. C.	3
E. C. Internacional	3 - E. C. Germania	1
Guarany F. C.	3 - C. E. America	1
A. Portuguesa de E.	1 - S. Paulo F. C.	3
C. A. Juventus	3 - C. A. Santista	2

TENTOS MARCADOS — 33

23 de novembro

E. C. Germania	3 - C. E. America	0
C. A. Juventus	1 - S. Paulo F. C.	8
A. Portuguesa de E.	0 - Guarany F. C.	2
C. A. Santista	3 - Palestra Italia	1
A. A. S. Bento	5 - E. C. Internacional	2
E. C. Syrio	0 - Santos F. C.	2
C. A. Ypiranga	3 - Corinthians	3

TENTOS MARCADOS — 28

29 de novembro

C. A. Santista	1 - S. Paulo F. C.	1
Santos F. C.	1 - Corinthians	1

Uma grande assistenci



O futebol em S. Paulo parece voltar ao tempo. Realmente, nestes ultimos jogos de campeonato, o lucta, enchendo-o animadoramente. Ademais o cam emocionantes e arrebatadores, contribuindo para vel uma sensivel modificação na tabella.

Permanecendo indeciso, o campeonato serviu de desde que nossos esportistas meditem sobre o assum-torcida como a que vemos no cliché acima, quando

E. C. Internacional	3 - E. C. Syrio	2
A. A. S. Bento	2 - C. E. America	2
E. C. Germania	0 - A. Portuguesa de E.	7
Guarany F. C.	1 - C. A. Juventus	0
Palestra Italia	6 - C. A. Ypiranga	1

TENTOS MARCADOS — 28

6 de dezembro

Santos F. C.	5 - C. A. Ypiranga	0
Corinthians	2 - E. C. Internacional	2
C. E. America	1 - E. C. Syrio	6
S. Paulo F. C.	4 - Palestra Italia	0
Guarany F. C.	1 - C. A. Juventus	1
E. C. Germania	2 - C. A. Santista	4

cia de um grande jogo



po antigo dos grandes enthusiasmos da torcida. o nosso grande publico se voltou para o campo da campeonato do anno passado foi entrecortado de lances para isso o facto de até ao domingo final ainda ser possi-

de indice a futuors torneios annuaes e assim sendo, m-pto, acharão meio de levar a campo uma enorme do o S. Paulo, na Floresta, abateu o Palestra por 4x0.

TENTOS MARCADOS — 28

13 de dezembro

Guarany F. C.	0 - S. Paulo F. C.	2
Corinthians	6 - E. C. Internacional	0
C. A. Juventus	4 - C. E. America	1
C. A. Ypiranga	0 - Santos F. C.	2
Palestra Italia	1 - A. A. S. Bento	0
E. C. Germania	2 - C. A. Santista	2
E. C. Syrio	2 - A. Portugueza de E.	1

20 de dezembro

Palestra Italia	3 - Guarany F. C.	1
São Paulo F. C.	3 - E. C. Germania	1
C. A. Santista	4 - A. A. S. Bento	3
C. A. Juventus	4 - E. C. Syrio	1
A. Portugueza de E.	1 - Corinthians	0

C. E. America	2 - C. A. Ypiranga	1
Santos F. C.	5 - Internacional	1

TENTOS MARCADOS — 29

27 de dezembro

Santos F. C.	8 - C. E. America	0
Palestra Italia	2 - Internacional	1
C. A. Ypiranga	1 - Portugueza	2
Corinthians	6 - C. A. Juventus	2
E. C. Syrio	1 - C. A. Santista	1
A. A. S. Bento	2 - S. Paulo F. C.	4
E. C. Germania	3 - Guarany F. C.	6

TENTOS MARCADOS — 39

3 de janeiro de 1932

A. Portugueza de E.	1 - Santos F. C.	1
S. Paulo F. C.	2 - E. C. Syrio	1
Palestra Italia	5 - E. C. Germania	2
C. E. America	1 - Internacional	0
Guarany F. C.	2 - A. A. S. Bento	2
C. A. Juventus	3 - C. A. Ypiranga	0
Corinthians	1 - C. A. Santista	1

TENTOS MARCADOS — 22

10 de janeiro de 1932

S. Paulo F. C.	4 - Corinthians	1
Palestra Italia	6 - C. E. America	3
Santos F. C.	1 - C. A. Juventus	1
A. Portugueza de E.	5 - Internacional	1
Guarany F. C.	3 - E. C. Syrio	4
A. A. São Bento	1 - E. C. Germania	2
C. A. Santista	3 - C. A. Ypiranga	1

TENTOS MARCADOS — 36

17 de janeiro de 1932

A. Portugueza de E.	4 - A. A. São Bento	0
-----------------------------	-------------------------------	---

O Santos disputou contra o Internacional, 10 minutos que ficaram faltando no de 27 de Setembro do anno findo, sem que se alterasse a contagem que ficou de 2 pontos por 1, a favor do Santos F. C.

TOTAL DOS TENTOS MARCADOS NO 2.º TURNO — 369.

TOTAL DOS TENTOS MARCADOS DURANTE O CAMPEONATO — 789.

COLLOCAÇÃO POR PONTOS PERDIDOS

1.ºs Quadros

1.º — São Paulo F. C.	7 pontos perd.
2.º — Palestra Italia	9 " "
2.º — Santos F. C.	9 " "
3.º — C. A. Santista	17 " "
4.º — A. Portugueza de E.	20 " "
5.º — Corinthians Paulista	23 " "
6.º — Guarany F. C.	24 " "
7.º — C. A. Juventus	29 " "
8.º — E. C. Internacional	30 " "
8.º — E. C. Syrio	30 " "
9.º — A. A. São Bento	39 " "
10.º — C. E. America	40 " "
11.º — C. A. Ypiranga	41 " "
12.º — E. C. Germania	42 " "

2.ºs Quadros

1.º — Palestra Italia	8 pontos perd.
2.º — Corinthians Paulista	12 " "
3.º — São Paulo F. C.	13 " "
4.º — E. C. Internacional	19 " "
5.º — Guarany F. C.	21 " "
6.º — A. Portugueza de E.	23 " "
6.º — Santos F. C.	23 " "
7.º — E. C. Syrio	24 " "
8.º — C. A. Juventus	28 " "
9.º — C. A. Santista	32 " "
10.º — A. A. São Bento	36 " "
11.º — C. E. America	37 " "
12.º — E. C. Germania	42 " "
13.º — C. A. Ypiranga	43 " "

Uma pagina dos aureos tempos



Estes quadros têm sua historia. E' o 17.º jogo Rio-S. Paulo, realizado no Parque Antartica, em 29 de Julho de 1917, pela Taça "Rodrigues Alves". Vencemos por 7x1, e os quadros eram estes:

Paulistas: Casimiro; Bianco e Palamone; Italo, J. Bertone e Lagreca; Formiga, Dias, Amilcar, Néco e Arnaldo.

Cariocas: Marcos; Vidal e Chico Netto; Adlemar, Monteiro (Andarahy) e Gallo; Carregal, Couto, Cantuaria, Rollô e Sylvio.

Marcaram os pontos: Dias (2), Amilcar, Néco, Arnaldo e Vidal, e Netto (contra), e Couto, carioca.

O futebol do passado tem suas phazes fulgurantes para o esporte paulista.

Naquelles tempos distantes, em que o bello esporte dito bretão ainda guardava o seu aspecto caracteristicamente amador e que os campeões eram de facto technicos em suas posições, jogava-se com um arroubo formidavel, com um entusiasmo fóra do commum.

As rivalidades esportivas locais não saham do terreno puramente esportivo...

E as refregas paulistas x cariocas?

Aqui vae uma reminiscencia desse tempo passado, que embora não volte bem poderia servir de lição aos campeões do presente.

As luctas Rio-São Paulo iam accesas e constantes.

Certa vez, em Agosto de 1918, os cariocas, discipulos dos paulistas e sempre por elles derrotados estrondosamente, conseguiram no Rio, após sacrificarem o esteio da nossa defesa, o Lagreca, uma victoria por 3x2, em disputa da celebre taça "Rodrigues Alves".

Os cariocas exultaram!... Vencer os mestres paulistas não era para elles facil tarefa.

Os dois quadros se apresentaram assim formados:

Paulistas — Dyonisio (Ipiranga); Palamone (Mackenzie) e Carlito (Paulistano); Sergio (Paulistano), Lagreca (S. Bento) e Italo (Palmeiras); Formiga (Ipiranga), Mario Andrada (Paulistano), Fried (Paulistano), Haroldo (Santos) e Arnaldo (Santos).

Cariocas — Marcos (Fluminense); Vidal (Fluminense) e Chico Netto (Fluminense); Lais (Fluminense), Sisson (Flamengo) e Gallo (Flamengo); Carnegal (Flamengo), Zezé (Fluminense), Welfare (Fluminense), French (Fluminense) e Machado (Fluminense).

Os tentos foram marcados por Fried e Haroldo, para os paulistas, e Welfare (2) e Carnegal, para os vencedores.

A torcida carioca não cabia em si de contente e cantou seus campeões em prosa e verso.

Um jornal publicou as estrophes:

EVOHE'!!!
"SHOOTANDO"! — 3x2
"EVOHE" CARIOCAS

No Flamengo fui hontem ver o jogo,
Um jogo que devia ser batuta
Pois os Paulistas que iam entrar em jogo
Eram bem fortes para ganhar a lucta.

II

Era um grupo escovado, resistente
Desse que diz jámais contar "basofia"
Capaz de intimidar o mais valente
Se aquillo não passasse de "farofia".

Os cariocas tinham gente fraca
Pensei até que iam fazer pilheria
Mas os paulistas, mal Zezé ataca,
Viram que a coisa ia ficando séria...

Os paulistas, coitados, certamente
Viram que toda a sua valentia
Não podia durar eternamente
E que deveria terminar um dia.

Quando Italo viu a coisa preta,
Elle que um pouco do seu jogo engrola,
Deixou o pé e, por não ser maneta,
Passou á mão para pegar na bola.

Os cariocas no seu jogo franco
Aos paulistas mostraram, sem ter dó
Que eram capazes de lhes dar um tranco,
Pois que no jogo não têm fama só.

SERIO CRETA — Rio 5-8-918.

UMA DESFORRA PESADA

Entretanto, pouco depois, a 1.º de Setembro vinham os cariocas a S. Paulo, e, dizia a imprensa do Rio, para manter aquella superioridade mandavam os seus melhores "cracks", mesmos os muitos estrangeiros que lá militavam.

E os dois quadros, em uma tarde memoravel de Setembro, na Floresta, se apresentaram assim organizados, em disputa da taça "Fuchs" e bronze "Hébe":

Paulistas — Dyonisio (Ipiranga); Palamone (Mackenzie e Morelli (Palmeiras); Sergio (Paulistano), Amilcar (Corinthians) e Italo (Palmeiras); Formiga (Ipiranga), Néco (Corinthians), Fried (Paulistano), Haroldo (Santos) e Arnaldo (Santos).

Cariocas — Cazuza (Botafogo); Vidal e Chico Netto (ambos do Fluminense); Fortes (Fluminense), Patrick (Bangu') e Gallo (Fluminense); Carregal (Flamengo), Zezé (Fluminense), Welfare (Fluminense), Santinho (Botafogo) e Machado (Fluminense).

A contagem daquelle jogo foi esmagadora: 8x1. Resposta frizante.

Um paulista escreveu em um dos nossos grandes diarios, parodiando a poesia dos cariocas, a seguinte:

EM "GOAL"! — 8x1

"EVOHE" PAULISTAS!

A' Floresta fui hontem ver o jogo
Na certeza do jogo ser batuta
Já que a força paulista muito logo
Superior saberia ser na lucta.

A "équipe" carioca, boa, resistente,
Entrou em campo muda, atrapalhada,
Contando certo dessa lucta tão valente
Sahir, como sempre, esphacelada...

Animados com a ultima victoria
Ganha pela sorte, para a sua gente,
Pensavam, talvez, que fosse historia,
O sermos os campeões eternamente!

Entrou em campo a "équipe" de "meninos"!
Formiga, Arthur, Arnaldo Prasenteiros
Contavam já apezar de pequeninos
Bater o kolosso-mixto de estrangeiros.

E, ainda uma vez, com nosso fraco "team"
Presenteamos-lhes com mais essa fubéca
Fazendo convencerem-se, por fim,
Que baterão jámais "scratch" de Lagreca.

"Evohé" Paulistas! Jovens victoriosos!...
Campeões do esporte da Bretanha!!!
E a vós, cariocas "training". Orgulhosos!
E a outra sova não será tamanha.

ROBERTOPOLIS — S. Paulo 12-9-918.

Veem os leitores, como era o futebol naquelle tempo...

Adão

e

Eva

I

Caro F.

20 de Maio. Vespera do meu casamento. Um arrepio exquisito, dá-me sensações estranhas. Vejo, em tudo, flores de laranjeira, grinaldas mysticas, anjos immateriaes...

Sou um homem feliz, dessa felicidade de quem espera alguma coisa muito linda, muito celestial, muito acima deste mundo. Deixo a vida de solteiro, como um condemnado que se livra de um longo, iniquo captiveiro. O passado aterra-me. A mocidade é vida, e preciso deixar de ser um numero impar, numa sociedade abstracta e amorpha... Entro para o casamento com a alma em festa. Espero o dia de amanhã com uma ansiedade, quasi com temor de amanhecer morto. Morto, sim, por uma dessas fatalidades theatraes, de que o mundo vive cheio. Quem me negará que a esta mesma hora, na China ou no Japão, algum noivo, nas mesmas condições amorosas, não esteja a morrer?

Sou muito sentimental, muito cheio de superstições, e a alma é sempre assim em todos os noivos...

Muitas e muitas vezes te fallei deste meu grande amor. Dizem que o amor é cego. Eu, porém, acho uma luminosa excepção. Tu bem o sabes, como amigo intimo. A minha noivinha é a mulher talhada, a primor, para a minha radiosa e amavel felicidade! Ainda, hoje de manhã, depois da missa resada por nossa intenção, os olhos encheram-se-me de lagrimas de prazer, ao vê-la tão linda e tão meiga, na sua innocencia immaculada...

II

Meu velho.

Acabo de sahir da igreja. Sinto ainda e fortemente, a commoção, o encanto, a confusão, a graça desse momento delicioso e inenarravel da existencia.

Casei-me. Casámo-nos. Vou para o meu ninho.

Adeus.

III

Bom amigo.

Ha oito dias que estou casado. Sou um incapaz de fazer a philosophia do casamento. A vida é uma arte. E' preciso saber vivê-la. O casamento é uma outra vida. Sinto-me nesse estado, que os poetas denominam extases olympicos, e que vocês, escravos das paixões, chamam ironicamente de lua de mel.

De todas as sensações que experimentei nas differentes phases de minha vida, acho esta a mais perfeita, a mais inedita, porque é uma transfusão de almas, uma consubstanciação, embora muitos julguem o noivado um setimo céu, por causa do imprevisto e do mysterio...

Oito dias de noivado: oito minutos de vida. Tudo é engraçado e magnifico, nestes dias de benção e de luz. Recorda-se uma pequena minuciosidade dos primeiros dias do namoro, commenta-se um facto simples, de uma tarde longinqua e perfumada, em que os nossos olhares se encontravam como aves ariscas. Parece-me que sinto uma saudade premente, de uma

cousa indistincta, uma ternura insaciavel por um ente imaginario e irreal, que me habita o cerebro, como um hospede bemvindo e querido...

IV

Meu velho.

Um mez de vida conjugal. 30 dias.

Esperei a tua carta. Espero-a ainda. Sinto uma necessidade physiologica de conversar com alguem. A vida é uma illusão. Eu já disse um dia que era uma arte. Desdigo-me. E' uma urdidura do destino. E' uma brutalidade. Somos animaes livres. O peso dos deveres acorrenta-nos, esmaga-nos, nullifica-nos. Nascemos para morar no buraco de uma pedra e brandir com pericia uma flexa. Nascemos para ter cem mulheres e matar cem homens. Não estou no seu elemento. Eu precisava ser indio, bugre, o diabo. Preciso de ar!

O casamento é um élo dourado para esses poetas vagabundos, que andam a namorar estrellas. Em bôa e legitima prosa, o casamento é uma desillusão, que nos envelhece e maltrata. O prosaismo da vida é a morte do amor. O amor sem mysterio, é corpo sem alma. Estou, justamente, no periodo agudo do matrimonio: a transição para os lugares communs...

Estou a ouvir os ruidos da mulherzinha, que está, ha tempos, ás voltas com os rouges e demais ingredientes — factores desta actual belleza doentia.

Ao meio dia virá o barbeiro da esquina. Um pedantéco, acosmeticado, devastador de segredos, com os olhos a fusilar curiosidades... Corta-lhe desapiedadamente os cabellos, raspa-lhe a nuca, passa-lhe as mãos pela cabeça e pelo rosto e depois, na rua, vêm os dicterios apimentados e máus...

Imagina lá a tortura deste teu criado!

Adeus. Faltam ideias. Para um estado desta ordem, só uma pagina forte do divino Eça.

Vou continuar o meu capitulozinho do "Primo Basilio..."

V

Meu amigo.

Como sabes, não tenho veia para o drama. E muito menos para reproduzil-o. Ha quarenta e cinco dias que estou casado. A minha vida, ultimamente, tem sido um fracasso. Faz uma ideia, por estes trechos de dialogos habituaes:

... ..
— Eu — (muito manso e muito meigo)
Filhinha, não me chames mais o barbeiro...

... ..
— Ella — Bruto!...

... ..
— Ella (muito pequenina e muito mansa)
Por favor, querido, não vás mais ao club...

... ..
— Eu — Não lhe tenho que dar satisfações. Sou livre!

... ..
E desta fórmula correm os dias deste teu desventurado amigo. A morte, numa situação destas, é uma sorte grande. Adeus.

P. S. — Rasguei o enveloppe para escrever esta nota. Lembro-me de um velho latim: Infandum regina... E' que nos estamos a devorar de beijos ardentes, loucos, apaixonados... A vida é esta. **ADÃO.**

Primeiro é o "signal da cruz" que a nossa mãe nos ensina a fazer, de joelhos, na hora de dormir, ella mesma segurando a nossa mão e levando-a á nossa testa, ao peito, aos hombros e depois do qual nos atiramos á cama, abençoados, ingenuos e contentes. Este acto, sabemos que é bom pratica-lo, porque ella assim o quer e delle, a não ser o gosto de obedecer-la e agrada-la, nada mais nos fica no espirito somnolento; assim como a phrase "Deus te abençoe" com que responde ao nosso pedido em nada altera a convicção que temos que della só é que nos vem a benção. Por enquanto, o nome de Deus escutado a miudo, não é senão um som vazio para a nossa imaginação despovoada, que só estimulam os bafejos do carinho materno. Mais tarde prendem a nossa attenção as imagens penduradas nas paredes e as figuras coloridas dos livros religiosos e entidades extraordinarias e incommuns começam a ter vida no nosso pensamento. De par com as fadas de vara magica, com os gigantes e as princezas encantadas, que nos suggerem os livros de contos, entram a habitar a nossa idéa seres de um mundo a parte, todos envolvidos numa mesma atmospheria de luminosidade e mysterio e attrahindo ao mesmo tempo, para o conjuncto numeroso, variado e imperioso, o nosso sentimento uniforme de sympathia, respeito e temor. São os

DEUS

santos, o Menino Jesus, as creaturas celestes, possuidoras de attributos e qualidades que nós não possuímos nem comprehendemos, que nós nunca vimos na realidade e, apenas, em figuras, e cuja existencia não sabemos onde nem como se passa e que, entretanto, dahi por diante, não se apagam mais da nossa imaginação. Entre ellas estabelecemos ainda differenças, hierarchias e graduações, como se estivessemos ao par de todos os pormenores, dos enredos e das tramas que conduzem a existencia deste majestoso e singular agrupamento. No meio delle, como um soberano no throno, presidindo ao movimento de todos os outros, commandando-os e sendo objecto de geral veneração, solemne, severo, omnipotente, aquelle que fez o céu e a terra e nas historias sagradas vem pintado como um ancião de bastas barbas, que é o pae de todos nós, está em toda parte e é aquelle a quem tudo obedece — Deus. E' elle quem alimenta aos passarinhos, dá lã aos cordeiros, orvalha as plantas; sem a sua vontade nem um fio de cabello cairá da nossa cabeça; tudo elle póde, mesmo o impossivel, como metter uma cidade numa garrafa; elle manda o sol, as nuvens, as estrellas, elle chama a si os bons e castiga os

mãos. Nesta idade, Deus é o que ha de mais incomprehensivel e de mais temivel: a sua imagem, vasta, immensa, enche a nossa alma, inspirando mudo receio. Depois elle se vae afastando de nós; acreditamos ainda que elle está em toda parte, porém, começamos a suppô-lo, de preferencia, muito longe, acima das nuvens, além do azul que as nossas vistas alcançam. Lá, vamos pensando que elle existe, com forma já menos humana, mais immaterial, isolado e transcendente, governando os astros e os homens. Em seguida, o céu tambem se desencanta, verificamos que as regiões interastraes não convem á morada de Deus e principiámos a não saber onde fixa-la e indagamos pela primeira vez onde está elle. E' o ponto de partida das nossas duvidas, incertezas e negações. Já elle não está dentro de nós como não estão mais tambem os gigantes encantados das lendas. Elle estará então no mundo exterior e será o principio das cousas, a força inicial, a essencia: conceitos frios do nosso juizo. Por fim, estes tambem se desfazem, se pulverizam. Atravéz das contradicções da vida, da dureza dos factos e da aspera realidade, procuramolo em vão, agora. Só nos resta, dentro da syllaba do seu nome, a doce recordação do carinho antigo de nossa mãe. E' o prestigio unico que lhe sobra.

MYLLO BENEDICTO.



A defeza de Joãozinho serviu para demonstrar que o avante santista sabe portar-se como um esportista

Homenageando o S. Paulo F. C.

Um festival no Theatro Apollo

Os nossos homens do theatro não se esquecem de homenagear os justos valores da actividade nacional, nos seus varios ramos, e assim temos o prazer de assinalar hoje um gesto desse.

Darcy Cazarré não se esqueceu do novo campeão.

Nome victorioso em nosso theatro, como um dos mais destacados talentos, realizará no Apollo a sua festa, no proximo dia 4 de fevereiro. E como parte integrante dessa noitada de arte e espirito, o estimado actor dedicou o seu festival como homenagem ao São Paulo F. C., pelo brilho de sua jornada no anno passado, consagrando-se campeão.

Ora, não deixa de produzir boa impressão no animo dos apreciadores do clube da Floresta essa bella homenagem e dado o prestigio que o tricolor desfructa, grande será a concorrência ao Apollo, de admiradores que irão reforçar, com sua presença a homenagem de Darcy Cazarré ao campeão paulista de 1931.

Nova Lei de Divorcio nos Estados Unidos

De accordo com noticias chegadas, os Estados Unidos terão breve outra lei de divorcio instantaneo, com direito aos beneficiados de tornar a casar.

E' que o Estado da Baixa California, disposto a competir com o de Nevada em materia de divorcio extra-rapido, approvará dentro de trinta dias uma lei que habilitará os juristas mexicanos a se tornarem peritos em materia de separação de conjuges sem muita perda de tempo.

Basta dizer que não será necessario declarar residencia, nem haverá interrogatorios ou qualquer outra formalidade que pareça inquerito.

As acções poderão ser movidas do territorio americano, sem necessidade de comparecimento ao tribunal mexicano, que aceitará a exhibição por parte do advogado de procurações do casal desejoso de liquidar o lar.

Edades de alguns Animaes

Segundo verificações feitas em varios pontos do globo, naturalmente em jardins zoologicos, são divergentes as edades da mesma especie; vamos, porém, dar alguns dados approximados do maximo de annos alcançados por alguns delles:

O burro alcança 110 annos; o cavallo, 40 a 50; o gato, 22 a 25; o cão, 28 a 30; o leão e a onça 25; o gado bovino e lanigero, maximo 30 annos; o elephante, grande em tudo, alcança 200 annos e a baleia, que tambem é mamifero, não lhe fica atraz tanto em tamanho como em durabilidade de vida! Entre as aves, nota-se que o gallo alcança até 20 annos; a gaiivota, 45; o Ganso e o pato, até 100 annos, quando, naturalmente, escapam da pannela!

— Afianço-te que o Guedes vai se casar com tua irmã só pelo seu dinheiro, porque assim poderá pagar as suas dividas.

— Não acredites nisso! Elle nunca pensou em pagal-as.

A Partida

ADELMAR TAVARES.
(INEDITO)

Na manhã gloriosa em que te vaes embora,
Todo o espaço é como uma vitrine em festa,
Onde um sol glorioso expõe as suas joias...
A luz crua brilha de offuscar a vista!
Todo o caes scintila! Tudo está sorrindo,
Na manhã — gloriosa em que tu vaes partir...

Estás linda, — linda! — no vestido branco,
No chapéu de palha, leve, de verão,
Sobraçando flores que as amigas dão!...
Eu já vi um quadro muito parecido
Como vestes hoje... Com esse mesmo riso,
Com essa mesma graça de mulher e flor...
— Ah, teu pobre amigo não ser um pintor!...

Todo mundo fala! Querem-te risonha!
Todos têm segredos para te dizer.
Vozeiam-te as amigas como passarinhos
Num festivo bando, na manhã gloriosa,
Todos trazem flores, para te abraçar,
Todos têm um voto para te fazer...

Só teu pobre amigo não trouxe uma rosa,
Uma só palavra não te deu siquer.
Não te fez um voto, não te disse nada,
Que não tem palavra para te dizer...

Mas si na sua alma tú te debruçasses,
Si lá dentro visses! Si pudesses vêr!
Certo que virias um canteiro branco
Cheio de saudades, que em seus olhos tristes
Vem te offerecer...

Publicações

“A Mocidade”

Recebemos o n.º 2 do jornal “A Mocidade”, que se edita em nossa capital, e cujo titulo exprime a sua actividade: tribuna da juventude.

Bem feito e com optima e interessante collaboração, “A Mocidade” está fadada a seguro triumpho.

“Revista do Trabalho”

Temos sobre a mesa a “Revista do Trabalho”, que se nos apresenta no seu 3.º numero.

E' uma publicação utilissima e imprescindivel aos que se dedicam e se interessam pelo assumpto e deve mesmo ser necessaria na estante dos estudiosos.

Eis ahi uma revista que conseguirá grande irradição, pois além do mais conta com a collaboração de todas as autoridades naquelle assumpto e aborda todas as questões que dizem respeito á vida nacional na esphera do trabalho.

Um pouco de technica de futebol

Considerações sobre cada atacante

(Continuação)

OS MEIAS

São assim chamados porque occupam um lugar entre o centro avante e o extrema.

1.º) A missão dos meias deve ser:

a — ser um elo de alliança entre o centro e os extremas.

b — marcar "goals".

2.º Qualidades principaes dos meias são:

a — perfeito conhecimento e pratica no parar a bola e passal-a.

b — maxima intelligencia e abnegação para o bem fazel-o.

c — Harmonia completa com o centro e os extremas.

d — Finalmente, muita habilidade e força para chutar ao "goal".

3.º Para cumprir com perfeição este encargo, deve constantemente exercitar-se no passe rasteiro e cortado e no chute ao "goal", baixo, violento e enviezado.

a - O PASSE — Lembre-se que a difficuldade do passe não consiste tanto no transmittir a bola ao companheiro, como no paral-a quando chega. Os exercicios individuaes e as tentativas durante os treinos, para conseguir esta arte, serão sempre poucos, até chegar a esse gráo dos grandes mestres, que com um golpe de pé, que parece magico por mais "effeitada" que venha a bola — a dominam e subjugam humilde a seus commandos.

O passe seja rasteiro e não muito forte. Se fôr para o extrema, procuraes que cáia alguns metros mais adiante desse jogador, para que este, tomando-a a toda carreira, não perca um instante de tempo.

Esta combinação entre os jogadores da linha deve chegar a tal ponto, que os passes feitos a olhos fechados, mais por instincto do que por uma prévia vizão, achem sempre o companheiro collocado. Uma vez passada a bola, distanciae-vos do companheiro em cuja accção deveis confiar e "collocae-vos" para receber outro passe em um lugar livre de marcação e util para indicar um novo passe ou para chutar ao "goal".

Este jogo de cortadas e de combinação e "zig-zag" é muito bello e apreciado e não ha barreira que

clém novas cortadas em direcção ao arco.

No passe, sede generosos, intelligentes e sacrificados. Passe "sempre", sem que vos seja pedida a bola. Isto serve a commum satisfação; é desagradavel ver os jogadores pedindo passes com gritos ou com golpes de palmas. O jogo de futebol não foi feito para egoistas. Talvez vosso jogo scientifico e util passe desapercévido ao publico leigo e avido de fitas, emoções e apparatus. Não satisfaes á vossa vaidade!

(Continúa pag. seguinte)

Por Romualdo

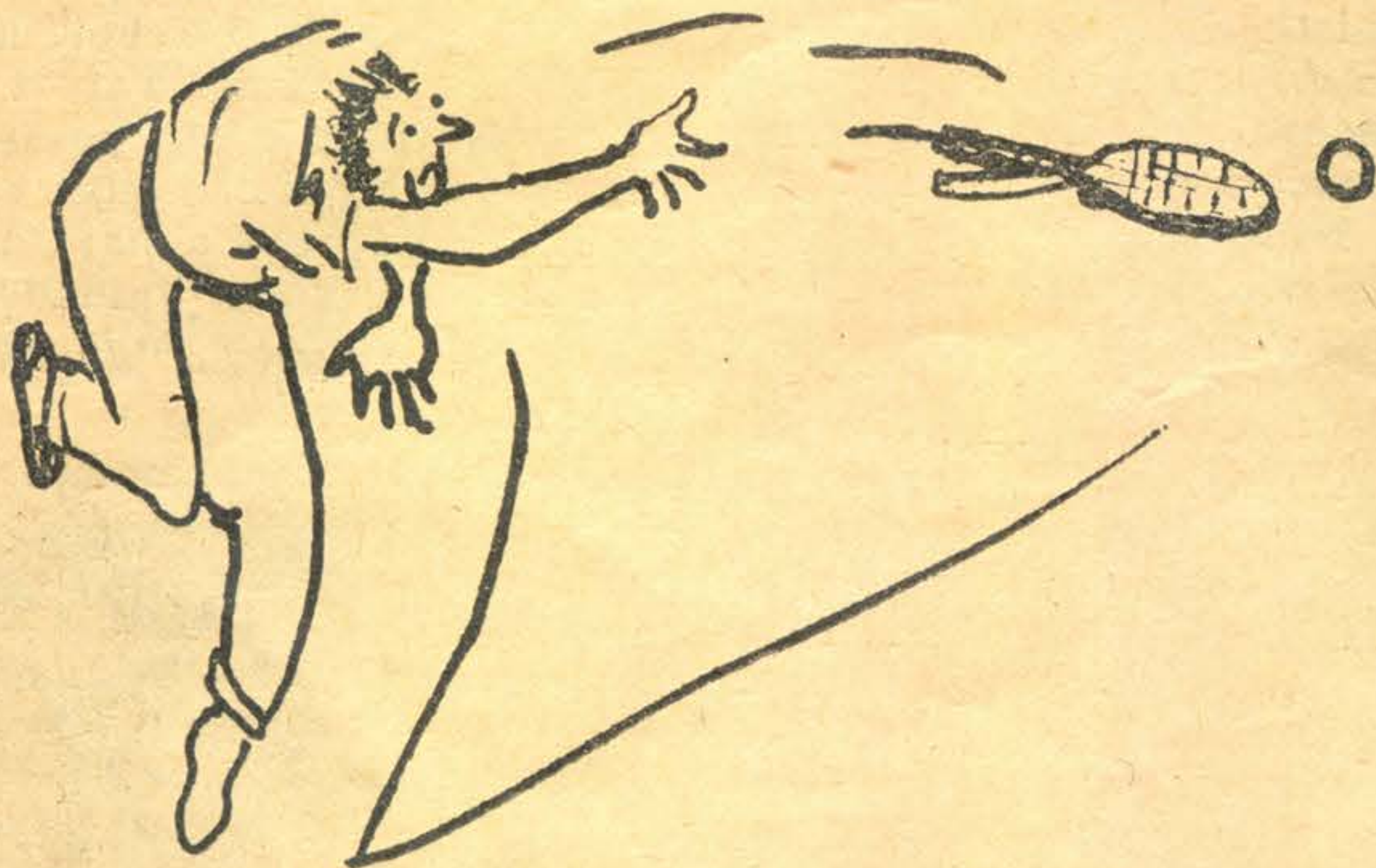
possa resistir-lhe. Quando a intervenção do medio vos impeça esta manobra com os extremas, experimentae-a com o centro, ou passae a bola, sempre rasteira e adiantada para os companheiros da outra ala para que elles ini-



Um commandante e seu efficiente direito

Para se treinar o tennis sozinho

Traduzido especialmente para o
"TRICOLOR" por R.



O conhecido tennista francez E. Braquedis, ideou um aparelho do qual tirou exclusividades e baptisou com o nome de "Tennis-partuer".

Esse aparelho é summariamente sensível e, ao alcance de todas as bolsas, substitue com vantagem o companheiro de treino, e sua applicação, muito engenhosa, não é outra cousa senão a conhecida bola elastica.

O aparelho se compõe de um pé de madeira em forma de cruz, que tem no centro uma rotula de ferro fundido, á qual se ataracha uma barra de aço muito flexivel de 0,60 cnts. de comprimento em cuja extremidade se acha uma argola, a que se amarra um forte elastico, donde pen-

de no outro extremo, uma bola de tennis.

Depois de haver fixado solidamente ao solo a base do aparelho, o jogador, segundo queira jogar, rapida ou lentamente, diminue ou augmenta o elastico e começa seu treino empurrando a bola, que retornará automaticamente. O senhor Braquedis em uma demonstração de seu aparelho, que fez em Pariz, executou todos os lances de ataque e de defeza que se pódem applicar no tennis; tiros directos, de revés, bolas cortadas, etc. mandando a bola, á direita e á esquerda e devolvendo-a em todas as posições.

E' um aparelho facil de se fixar em qualquer logar onde se queira treinar e que não acarreta grande dispendio.

Um pouco de technica de futebol

(Continuação)

O futebol é uma palestra de disciplina, de altruismo, de espirito de sacrificio e de cumprimento do dever. O "Foot-ball Association", com uma satisfação grandiosa, porém, commum a todos os jogadores, premia o esforço intelligente e collectivo, e não as jogadas esporadicas e individuaes, e educa o espirito de organização e cooperação social.

b - O CHUTE — Repitamos até á sociedade os conceitos fundamentaes, de que anda valem os maiores esforços e as melhores combinações sem um seguro e feliz golpe final. Exercite-se os meias, muito neste particular, mesmo dividindo o "goal" em 4 ou mais partes, como fazem os profissionaes, porque por uma parte não faltam magnificos guardiões e por outra deveis chutar, o mais das vezes em difficilimas condições; razão pela qual, se não fordes mais do que mestres no chute, fareis rir com vossas ameaças ás nuvens e vossas aberrações desconcertantes.

Diversos são os chutes efficazes:

Friedenreich, prefere o "peito de pé". Os uruguayos usam o "barroso". Os inglezes, italianos, etc., a "bicanca" — que imprime á bola tal velocidade e violencia que resulta um chute indefensavel.

Deveis ser activos e empenhados. Não vos deixeis vencer pelo cansaço e pelo desanimo. A partida não está perdida enquanto dura o jogo. Um minuto de tempo, um ultimo esforço, póde valer-vos a victoria.

Aliás, um quadro nunca deve desanimar, ainda que esteja moralmente derrotado. Infelizmente tem-se visto quadros que, após soffrerem um ou dois "goals", ficam completamente desnortheados, jogando dahi por deante desordenados e sem animo.

O espirito esportivo e a consideração para com o adversario e para com o publico devem sustentar vossa moral até o ultimo instante.

A victoria na contagem, é relativamente secundaria. Não vos aconselheis nunca com vosso orgulho e vossa paixão! Não cedaes á feminil tentação do exhibicionismo! Um meia deve brilhar pelo seu jogo humilde, rendos oe desinteressado. Não é o

(Continúa na pag. 32)

N A T A S C A

RAYMUNDO CORRÊA.

Dentro, na esconsa mesa, onde fervia fulvo enxame de moscas sussurrantes, num raio escasso e tremulo do dia espanejando as azas faiscentes,

vi-o; bebedo estava, e inebriantes e capitosos vinhos mais bebia; e, em tédio, como os fartos ruminantes, a bocca larga e estúpida movia.

E eu pensativo, eu pallido, eu descrente, approximei-me do ebrio, com tristeza, sem elle quasi o presentir, sequer;

e vi seu dedo, aos poucos, lentamente, no vinho esparso que ensopava a mesa ir escrevendo um nome de mulher...

SANTOS DUMONT

O grande inventor, cuja saúde, felizmente não corre perigo, está recebendo carinhosa acolhida no coração de seus patricios. Mas esse carinho espontâneo, sincero.

Em nossa capital, o sabio patricio recebeu inequivocas provas de admiração.

Rumou depois para Minas. O ar montanhês é sadio e salubre.

Sobre a presença de Santos Dumont nas Alterosas, diz uma correspondencia de lá:

"Está em Barreiro, Araxá, em visita de saúde, o grande Santos Dumont. Desde o primeiro dia, autoridades e povo manifestaram o desejo de homenagear o illustre hospede, mas, por manifesta vontade do mesmo e ordem do seu medico, dr. Mario Magalhães, foi suspensa qualquer manifestação. Santos Dumont tem aproveitado muito desde os primeiros dias. Necessitando a um tempo das aguas e de repouso, não podia encontrar outro recanto onde lhe fosse possível o absoluto descanso, num clima adoravel, deante de um panorama lindissimo como o que se gosa do Hotel onde está hospedado.

— Outro dia, sabendo da existencia na cidade de Araxá de uma longinqua parente, quiz visitá-la. Foi para a familia do sr. Daniel Pinto uma grande alegria. Na modesta casa ponde o grande inventor observar nas paredes varios retratos seus e alegorias. Ao sahir da casa do sr. Pinto, Santos Dumont, em companhia do seu sobrinho, engenheiro Jorge Villares e do casal Tobias de Aguiar, hospedes tambem do Hotel Radio, entrou na Confeitaria Gloria. Acabava de sentar-se, quando um menino, filho do director do Banco Commercio e Industrias de Minas Geraes, sr. Paulo Cavalcanti, s. aproximou e o interrompeu em tom energico:

— E' verdade que foi você que inventou o aeroplano?

Com a resposta affirmativa o menino fugiu para voltar dahi a pouco dizendo:

— Papae me disse para dar-te um beijo.

Santos Dumont, evidentemente commovido, beijou e abraçou o menino.

Começando a juntar-se muita gente, a comitiva subiu no automovel do dr. Tobias de Aguiar e voltou para o Hotel. Santos Dumont faz em Barreiro uma vida metódica, modestissima e gosta muito de longos passeios a pé. Araxá faz em peso, votos, para que o grande brasileiro readquirá suas energias: será mais que uma gloria por suas aguas e seu clima, uma intima satisfação de corações brasileiros."

Como se transmitem ordens

O capitão ao 1.º sargento:

Como deve saber, amanhã ha um eclipse do sol, o que não acontece todos os dias.

Mande formar os homens, ás 5 horas, na parada, em uniforme de passeio:

Elles poderão observar este raro phenomeno e eu lhes darei as explicações necessarias.

Se chover, não ha nada que vêr. e então os homens formarão na caserna para o exercicio.

O 1.º sargento para o 2.º:

Por ordem do nosso capitão, ha amanhã um eclipse do sol, em uniforme de passeio, com demonstrações do nosso capitão, o que não succede todos os dias. Se o tempo estiver chuvoso, não ha nada que ver no exterior, mas o eclipse terá logar na caserna.

O 2.º sargento para o cabo:

Amanhã muito cedo, ás 5 horas, abertura do eclipse do sol com os homens em uniforme de passeio. O nosso capitão dará na caserna as ordens necessarias, se por acaso chover, o que não acontece todos os dias.

O cabo para os soldados:

Amanhã, ás 5 horas, o nosso capitão fará eclipse do sol em uniforme de passeio. Se chover, ou estiver bom tempo na caserna, o que não acontece todos os dias, o nosso capitão quer tudo nas ordens necessarias.

Os soldados, uns para os outros:

Amanhã, ás 5 horas, o sol em uniforme de passeio faz eclipse ao nosso capitão com ordens de chover na caserna, o que não acontece todos os dias.



A America Meridional e os Esportes

Especial para "O Tricolor"

Por JULIO CORREIA FRANCFORT.

Muitos paizes, quaes satéllites, recebem o influxo poderoso de outros, que impõem uma orientação decisiva nas diversas actividades do povo, quer imprimindo uma escola ás artes, quer dando um rumo a certas classes de industria e commercio, ou ainda modificando os costumes.

O Brasil, como é vezeiro affirmar, tem na França sua mãe espiritual.

Aliás, este predomínio intellectual é verificado em toda a costa sul-americana do Atlantico.

Já no lado banhado pelo Pacifico, são os Estados Unidos que dominam. E dominam em toda a extensão, em todos os terrenos, implantando em grande parte seu idioma e suas manufacturas. E só não podem introduzir suas letras, em contraposição ás da Hespanha, por estarem estas no vernaculo.

A influencia de potencias maiores tambem pesou nos esportes.

E' curioso notar a pratica destes de accordo com esta lei.

O Brasil, a Argentina e o Uruguay, mais ligados á Europa pela sua relativa proximidade e sua civilização, cultivam as especialidades oriundas do Velho Mundo ou que nelle encontram geral acceitação.

Assim se verifica o entusiasmo pelo futebol, atletismo, natação, remo, tennis, etc.

Apenas a natação, o esporte por excellencia, de duplo valor, por juntar a vantagem da cultura physica á utilidade na vida quotidiana, é conhecida e praticada por todos os povos.

Carpentier e Dempsey, na decantada "batalha do seculo" diffundiram o pugilismo entre os occidentaes. Nas outras raças, porém, não o conseguiram aclimar.

Para confirmar a asseveração das influencias, basta notar que os "yankees" são indifferentes ao futebol "association" e em compensação vibram por uma partida de "rugby" ou "base-ball". Isto prova a ausencia ou a participação insignificante dos povos hispano-americanos do Pacifico nos compeonatos continentaes, orientados como são pelos gostos e costumes ds subditos da grande terra do Norte. Excepção feita, bem entendido, do Chile, mais chegado á Argentina e portanto sujeito ao mesmo ambiente.

E' um erro acreditar que a distancia afasta nossos irmãos latinos. Tivessem elles elementos para competir e estariam presentes aos campeonatos. Faltam-lhes, entretanto, valores reaes para o torneio. Não que a raça seja inferior.

Os "yankees" physicamqnte são superiores aos brasileiros, uruguayos e argentinos. Inutil qualquer cotejo desta ordem, pois os ultimos, por óra, só podem levar desvantagem.

E que actuação desenvolvem os septentrionaes em nossos campos de futebol?

A resposta é conhecida: mediocre.

Por esta razão não podemos descrever do valor dos demais nativos desta parte do Novo Mundo em outros campos esportivos.

Venezuela, Colombia, Panamá e Equador são fracos em futebol. Fortes, porém, em "base-ball". Seus estadios regorgitam de assistentes a estas partidas ao mesmo tempo que elevado numero de apreciadores acompanha com entusiasmo que vae ao delirio as irradiações de seu desenrolar.

Ainda os attrahe o box, dando assumpto para commentarios infinitos.

Peçam agora aos mais adiantados esportistas, que como tal se consideram os chilenos, platinos e brasileiros, uma actuação notavel na arte de Babe Ruth. Elles serão incapazes.

Todos, com suas aptidões, seguem a trajectoria traçada pelas influencias recebidas, quaes satéllites.

No enterro de Laura

GUILHERME BRAGA

Abrem-te a cova, e falam-se de esperança,
Bradam: o eterno sol, o eterno dia,
E eu vejo sobre ti, pobre creança,
Rolar com som tremendo a terra fria!

Bem sei, bem sei que foste assassinada
Pela benigna mão de Deus sublime,
Mas se elle é Deus, eu verme, é tudo, eu nada,
Como queixar-me do espantoso crime?

Posso curvar-me á torva lei divina,
Sem adoral-a ante o juizo austéro,
Mas beijar essa mão que me fulmina,
A mão que te esmagou não sei... não quero.

Que mal fazias tu, filha innocente,
Ao magnanimo Deus, ao Deus augusto?
Elle que é bom, matou-te lentamente,
Deu-te um supplicio atróz, elle que é justo!...

Já tres vezes da morte a vaga escura
Passara no meu lar, negro recife,
E eis outra vez aberta a sepultura,
Mudado o quinto berço em quarto esquite.

Nos arvoredos, nos beiraeas das casas,
Por toda a parte eu vejo os passarinhos;
E a mãe que exulta e canta e bate as azas
De encontro aos fofos, palpitanes ninhos.

Nadam mil vidas numa gotta d'agua,
Do pollem duma flor brotam mil flores;
E ao seio de uma mãe dá-se essa magua?
E ao coração dum pae, dão-se estas dores?

Dizem que vaes viver eternamente,
Colher d'outros jardins a flor e a palma,
E eu sinto apenas a lethal serpente,
A duvida, enroscada na minh'alma!

Hei de orar? Mas na sombra da consciencia
Não me luzem cá dentro ignotos brilhos...
Hei de crer? Mas a mão da Providencia
Tem garras para mim... rouba-me os filhos.

Deus lembrou-se um dia de dar um sarão nos seus paços azues.

Convidou todas as virtudes, mas só as virtudes: cavalheiros nenhum; damas sómente. Vieram muitas virtudes, grandes e pequenas; as pequenas eram mais affaveis e cortezes do que as grandes; mas todas pareciam satisfeitas e conversavam polidamente, como deve acontecer entre pessoas intimas e aparentadas.

De repente o Padre Eterno ontou duas bellas damas, que pareciam desconhecidas uma da outra. O dono da casa pegou uma pela mão e approximou-a da companheira.

— Eis aqui a Beneficencia, disse elle, appresentando-a á Ingratidão.

As duas virtudes ficaram indizivelmente pasmadas; desde que o mundo é mundo, era a primeira vez que se viam.

Logo que findou a festividade, a celestial orchestra dos anjos entoou saudosa harmonia, enquanto os convidados celebravam as cerimonias do estylo, com respeito e etiquetas devidos

Uma festa no céu

Conto Polonez

á côrte empyrea, indicando cada uma das virtudes, ao separar-se, o logar em que podiam ser encontradas; e, assim, disse a Fé que a sua morada era nas almas grandes e nos corações firmes; a Caridade declarou que no seio das pessoas amantes da Beneficencia, sua irmã gêmea; a Honra, que a procurassem nos feitos dos bravos, no coração das virgens, na fronte do homem de bem, da mulher honesta; a Esperança, que estava em todos os

logares por onde não houver passado o seu maior inimigo — o Desengano; a Abnegação, onde não existe o interesse; a Consciencia, na alcova e habitação da sua prima carnal — a Fé; etc.; e, assim por diante, cada virtude fazia a sua despedida, declarando ás outras onde a deviam encontrar; mas notava-se que uma das virtudes, triste e succumbida, conservava-se de cabeça baixa, com os olhos banhados em lagrimas, encolhida silenciosamente, a um canto, sem se resolver a sahir com as outras — era a Vergonha.

Perguntaram: — O que fazes? A festa terminou e convém que os convivas se retirem.

— Dá-me um abraço, fallou-lhe a Honra, e dize-me onde te posso encontrar.

— Ah! exclamou a Vergonha, a razão do meu abatimento e tristeza é muito justa, porque vejo as minhas amigas se separarem e designarem as suas moradas, emquanto que só posso assegurar a vocês, com profunda dor, que quem me perdeu uma vez nunca mais me encontrará...



Naquella jornada memoravel da Floresta, em que o S. Paulo continuou o sua marcha victoriosa vencendo o Palestra por 4 x 0, Clodô foi o tecnico eficiente e sensato. Vemol-o em opportuna e segura defesa, quando os palestrinos procuravam attingir o posto de Joãozinho.

A actividade do S. Paulo no anno passado

Proseguimos hoje na publicação, em pequenas doses e na eloquência expressiva de numeros e nomes, de todo o caminho percorrido pelo S. Paulo F. C., na jornada futebolística que se fundou:

S. Paulo x Syrio

Em nosso campo no dia 2 de Agosto de 1931. Preliminar do festival da Apea pró Caixa Olympica.

2.º quadro:

Vidigal; Lima e Faria; Abbatte (Romeu 2.º tempo), Chiquito e Alves; Junqueira, Biba, Coelho, Jahú e Scott.

Vencedor: S. Paulo 3 x 0.

Marcaram os pontos: Biba, Jahú e Coelho.

Juiz — Theophilo Osses, do C. A. Ipiranga.

S. Paulo x Portuguesa

Em nosso campo, na noite de 18 de Agosto de 1931. Preliminar do festival do C. A. Brasil, em disputa da taça "Luiz de Barros".

2.º quadro:

Vidigal; Faria e Infante; Alfredo (2.º tempo) Romeu, Chiquito e Alves; Junqueira, Biba, Coelho, Jahú e Rodarte, depois Armandinho como centro avançado sahindo Rodarte.

Vencedor: empate 2x2.

Marcaram os pontos: Rodarte e Biba.

Juiz — Raymundo Ferreira, do S. C. Syrio.

S. Paulo x Palestra

Em nosso campo, no dia 6 de Setembro de 1931. Em disputa da taça "General Isidoro Dias Lopes". Desempate.

1.º quadro:

Joãosinho; Clodô e Barthô; Milton Bino e Alves; Junqueira, Armando, Fried, Araken e Siriri (depois Joãosinho).

Vencedor: empate 2x2.

Marcaram os pontos: Fried e Junqueira.

Juiz — Domingos Olmos.

2.º quadro:

Preliminar do jogo acima também com o Palestra.

2.º quadro:

Vidigal; Luna e Faria; Alfredo, Chiquito e Infante; Serrote, Coelho, Octacilio, Jahú e Scott.

Vencedor: empate 2x2.

Marcou os pontos: Coelho.

Juiz — Manoel Nunes (Néco).

Syrio x S. Paulo

Em nosso campo, no dia 20 de

Setembro de 1931. Campeonato.

1.º quadro:

Joãosinho; Clodô e Barthô; Milton, Bino e Alves; Luizinho, Armando, Fried, Araken e Siriri.

Vencedor: S. Paulo 5x1.

Marcaram os pontos: Fried 2, Luizinho 2 e Siriri.

Juiz — Carlos Strobel, do S. C. Germania.

2.º quadro:

Vidigal; Lima e Infante; Alfredo, Chiquito e Guarany; Junqueira, Coelho, Octacilio, Alvaro e Jahú.

Vencedor: S. Paulo 7x4.

Marcaram os pontos: Octacilio 3, Coelho 2, Alvaro e Jahú.

Juiz — José Folker.

S. Paulo x Portuguesa

Em nosso campo, no dia 27 de Setembro de 1931. Campeonato.

1.º quadro:

Joãosinho; Clodô e Barthô; Milton, Bino e Alves; Luizinho, Armando, Fried, Araken e Siriri.

Vencedor: S. Paulo 2x1.

Marcaram os pontos: Barthô e Luizinho.

Juiz — Theophilo Osses, do C. A. Ypiranga.

2.º quadro:

Vidigal; Lima e Faria; Alfredo, Chiquito e Infante; Junqueira, Coelho, Octacilio, Alvaro e Jahú.

Resultado: empate 2x2.

Marcou os pontos: Otacilio.

Juiz — Alvaro Cardoso de Moura, do C. A. Juventus.

Extra S. Paulo x Escola de Pharmacia

Em nosso campo, no dia 11 de Outubro de 1931. Campeonato Academico.

Maia; Lara e Sasso; Liscio, Lysandro e Carrara; Murad, Cariani, Ballestrero, Braga e Euclides.

Vencedor: S. Paulo 3x0.

Marcaram os pontos: Ballestrero 2 e Braga.

Juiz — Milton Aguiar.

S. Paulo x Ypiranga

Em nosso campo, no dia 18 de Outubro de 1931. Campeonato.

1.º quadro:

Joãosinho; Clodô e Barthô; Milton, Bino e Fabio; Luizinho, Siriri, Fried, Araken e Junqueira.

Vencedor: S. Paulo 6x0.

Marcaram os pontos: Siriri 2, Araken 2, Fried e Luizinho.

Juiz — Attilio Grimaldi, do Palestra Italia.

2.º quadro:

Vidigal; Sasso e Faria; Infante, Chiquito e Alves; Serrote, Coelho, Scott, Alvaro e Jahú.

Vencedor: S. Paulo: 1x0.

Marcou o ponto: Infante.

Juiz — Paulo Wensel, do S. C. Corinthians Paulista.

S. Paulo x Santos

Em nosso campo, no dia 25 de Outubro de 1931. Campeonato Paulista.

1.º quadro:

Joãosinho; Clodô e Barthô; Milton, Bino e Fabio; Luizinho, Siriri, Fried, Araken e Junqueira.

Vencedor: S. Paulo 4x2.

Marcaram os pontos: Fried 2, Siriri e Araken.

Juiz: Pausanias Pinto da Rocha, do S. C. Corinthians.

2.º quadro:

Vidigal; Sasso e Faria; Infante, Chiquito e Alves; Serrote, Perez, Coelho, Alvaro e Jahú.

Vencedor: S. Paulo 3x2.

Marcaram os pontos: Infante, Alvaro e Coelho.

Juiz — Antonio S. Mendonça, do C. E. America.

Extra S. Paulo x Faculdade de Medicina

Em nosso campo no dia 25 de Outubro de 1931. Campeonato Academico.

Nagib; Lara e Furlan; Liscio, Lysandro e Carrara; Murad, Cariani, Ballestrero, Braga e Euclides.

Vencedor: S. Paulo 2x1.

Marcaram os pontos: Mario e Euclides.

Juiz — Durval C. Abreu.

S. Paulo x Internacional

Em nosso campo, no dia 31 de Outubro de 1931, á noite. Campeonato Paulista.

1.º quadro:

Joãosinho; Clodô e Barthô; Milton, Bino e Fabio; Luizinho, Siriri, Fried, Araken e Junqueira.

Vencedor: S. Paulo 2x0.

Marcaram os pontos: Junqueira e Fried.

Juiz: Theophilo Osses, do C. A. Ypiranga.

2.º quadro:

Vidigal; Lima e Faria; Infante, Chiquito e Alves; Serrote, Perez, Coelho, Alvaro e Jahú.

Vencedor: empate 1x1.

Marcou o ponto: Jahú.

Juiz — Raymundo Ferreira, do S. C. Syrio.

OS JAPONEZES NÃO SÃO TÃO DEBEIS COMO PARECEM
Traduzido especialmente para o "Tricolor, por R.

Devido ao facto de serem os japonezes, em geral, de menor estatura que os brancos, e de linhas mais finas, crê-se que são também mais debeis. Erro crasso. Se os japonezes, não tivessem dado provas, em uma infinidade de oportunidades, de seu vigor physico, apesar de sua debil apparencia, sómente então poderiamos dar credito a semelhante supposição; porém, é sabido que o Japão, tem tido jogadores de tennis de fama mundial, o mesmo acontecendo com seus excellentes nadadores, que combatem junto dos melhores.

Basta que se recordem os noms de Harada, Takaishi, Noda e Tsuruda.

Um commerciante londrino, especializado em roupas de esportes, e a cuja casa acudiu uma infinidade de subditos do imperador Hirohito, declarou que, depois de medir o thorax de muitos typos japonezes, comprovou que, tendo em conta a estatura, estes, possuem hombros muito mais largos que os demais povos do Occidente, assim como peitos mais desenvolvidos. E quanto ás pernas, ainda que sejam mais curtas, são mais massiças.



A ala esquerda tricolor, que se tornou famosa em nosso campo e que foi efficientissima na campanha victoriosa que o S. Paulo empreendeu...

Entrevistando

um

“placard”

(Conclusão)

pois me veio a noticia, por parte de um torcedor que conversava com outro, da nossa derrota com o Palestra... naquellas condições. O campeonato continuou. E no dia 6 de dezembro accusei o retumbante triumpho sobre os palestrinos. Si reparassem bem, deveriam notar, posto que quasi inacreditavelmente, que eu sorria, ria, gargalhava... 4 a 0. eu sorria, ria, gargalhava... 4 a 0. Antes eu já sorrira tanto com os 4 a 2 sobre o Santos... Depois torci “longinquamente” nos jogos de Campinas e Santos. A seguir passei maus boccados com o Germania e com o Syrio. Com o S. Bento, ahí no campo vizinho, eu só vi a bola subir e ouvi os gritos dos nossos torcedores que acclamavam... o afastamento do perigo. Mas, eu torci de verdade foi contra o Corinthians, o ultimo jogo. Foi com prazer que soube da nossa bellissima victoria. O “placard” do campo do Parque S. Jorge é meu primo. Moravamos juntos e elle sabe que a minha tabella é quatro. Por isso — 4 a 1. Exulte com o levantamento do campeonato. Campeão de 1931. Agora, moço, escute: Nunca accusei uma derrota do S. Paulo e não espero tão cedo registral-a...

Nisto uma voz grossa e energica:

— Olá, rapaz! Que estás a fazer ahí?

A voz soturna do “placard” parou com o surgir do intruso. O estalido repetiu-se. Silencio. Olhei. O Salvador, guarda do campo, descobrira-me. Juntei rapidamente as minhas notas e fugi perseguido... pelas palavras que um portuguez daquelles, zangado, sabe dizer. Corria velozmente. Saltei a grade para o Tieté. Livrei-me do trasmontano. Mudei de tactica. Caminhei devagar e sorrateiramente, aproximei-me do portão da sahida. Saltei-o. Rua. Que allivio! Passei máus momentos, mas, trouxe para o “Tricolor” uma entrevista inedita: a do “placard” torcedor.

E, no bond de operarios que me conduzia á casa naquella madrugada, parecia ouvir ainda a voz surda e pausada do marcador:

— “Nunca accusei uma derrota do S. Paulo...”

COUSAS DO ATHLETISMO

O controle medico — Os nossos "criticos e technicos" — Uma competição na França — Os recordes — Na Finlândia — Ladoumegue — Applaudamos todos!

No Brasil, infelizmente, comquanto o atletismo tenha progredido bastante, estamos muito aquém de diversos paizes onde se cultiva com carinho o esporte basico.

(Já que não queremos nos referir ao controle medico, pois vimos a grita que houve quando a Cebêdê, por ocasião do Campeonato Brasileiro de Athletismo, exigiu a ficha medica dos atletas participantes ao maximo certame, e segundo o entender de conhecido mentor, basta ser atleta para prescindir de fichas!... E' o cumulo).

O mal é geral. O atrazo é de todos. A começar pelos jornaes, só tecemos louvores ao elemento vencedor — a esse, sobram os adjectivos: "é o nosso melhor atleta" — "corredor formidavel" — "athleta de fibra" — "esperança do Brasil", etc. etc. Para os demais elementos quando muito, o seguinte: é moço, e deve progredir...

Quando o athleta, por infelicidade mesmo que seja o vencedor, obtem um resultado desagradavel aos "technicos", lá vem a critica: "correu mal", "o tempo obtido é horrivel" e outras criticas que só servem para desanimar o elemento.

*

HA UM MEZ foi realizado na França, um torneio de Juniors. O leitor pôde avaliar o que seja uma competição desta classe no paiz gaulez. Passemos uma vista ligeira nos resultados obtidos:

100 metros — 11" 4|5.

200 metros — 23" 9|10.

400 metros — 53" 4|5.

800 metros — 2' 3" 7|10.

BEIJOS MORTOS

Amemos a mulher que não illude,
E que, ao saber que a temos enganado,
Perdôa por amôr e por virtude,
Pelo respeito ao menos do passado.

Muitas vezes, na minha juventude,
Evocando o romance de um noivado,
Sinto que amei outr'ora quanto pude,
Porém mais deveria ter amado.

Chôro. O remorso me sacode.
E, ao lembrar o mal que então fazia,
Meu desespero inconsolado explode.

E a causa desta horrivel agonia,
E' ter amado, quanto amar se pôde,
Sem ter amado quanto amar devia!

1.500 metros — 4' 5" 1|5.

Dardo — 50 mts.625.

Peso — 13 metros.

Vara — 3,60 mts.

Altura — 1,68 mts.

Identica competição se fosse realizada aqui e obtivessemos alguns dos resultados acima, incontestavelmente viriam os celebres "resultados fracos". Nós, porém, diremos: todos são optimos. E optimos porque nem sempre o athleta, mesmo em fórmula, está disposto. Nem sempre devemos levar em conta os resultados technicos, e não devemos esperar em todas as competições quedas de recordes.

*

OS RECORDES é que são a dôr de cabeça dos nossos directores e chronistas. E' commum, em vespera de provas athleticas, as "manchetes" vistosas — "espera-se a queda de innumerados recordes"... — Dizem isso sem estar ao par do estado physico dos participantes, obrigando os mesmos a um esforço muitas vezes prejudicial.

Rapazes que até hoje podiam estar em plena fórmula, tiveram duração ephemera em nosso scenario esportivo, por essa quasi completa ignorancia nossa em

exigirmos o maximo que o athleta pôde obter!

*

DEVEMOS LEMBRAR AINDA o esforço despendido por qualquer praticante do atletismo para melhorar um quinto de segundo, em determinada prova. Só mesmo quem o pratica é que sabe quanto o atletismo é ingrato! Basta o menor descuido para se perder mezes e mezes de treinos.

Poucos acreditarão que na Finlândia, Allemanha, França, ou Estados Unidos, o athleta só vae competir apôz 5 ou 6 annos de treinamento!

Nós aqui, não nos subteriamos a tanto.

Ladoumegue, o recordista mundial de diversas provas, levou mais de 10 annos para attingir a fórmula que presentemente ostenta. Aqui se dá ao contrario. Se o elemento não se destaca logo, lá vêm os "entendidos": "não tem futuro", "athleta de mentira", etc. etc....

*

TEMOS que mudar as nossas ideias. Precisamos animar os nossos elementos, sobretudo os novos, se não quizermos ficar só com meia duzia de atletas, os vencedores. Por seu turno, os treinadores e directores precisam não ter tanta pressa em soltar, os que se iniciam, logo na pista para competirem. Devem convencer aos principiantes de que os resultados no atletismo são lentos e quanto mais demorado, melhor para o athleta. Os jornaes tambem devem se preocupar mais com os secundarios, estimulando-os, porque só assim teremos em breve uma pleiade de optimos elementos, e não precisaremos nos preocupar tanto com o chronometro....

Quando fomos assistir a provas athleticas não devemos só dar nossos applausos aos vencedores, mas sim, a todos os disputantes.

Applaudamos todos!

E. PETRUS.

A CAVEIRA

*Hontem, hoje, amanhã... Como symbolisar
O passado, o presente, o futuro — as tres phases
Da vida? Como tres phases
De sentido corrente e de uzo o mais vulgar:*

— Uma saudade; um grande esforço; uma esperança.

*Ou antes, e melhor, talvez, expondo-as numa
Triplíce imagem que resume a vida inteira;
Um rosto luminoso e alegre de creança,
Duas mãos agarrando uma bolha de espuma,
E rindo-se — de que? de tudo — uma caveira.*

VICENTE DE CARVALHO.

Como foi que acabou o futebol em S. Mané do Monte

Jogo, em S. Mané nunca precisou de annuncio. As creanças nasciam jogando "par ou impar" e "jogo de gallinha", os molecótes batiam "botão" o dia inteiro, os grandes só pensavam em truque, bicho e "futebór"...

Tonico Sarampo era o bamba da terra: maestro da banda, carteiro, bilheteiro de circo, actor da Recreativa, vereador e "centro árfo da extrema esquerda" do Sete Tiros F. C. Esse "F. C." fôra copiado do time da Capital e tanto poderia significar "Futebol Clube como "fáís de conta" ou "fáís cadávre".

O campo do Sete Tiros não tinha divisas lateraes, por duas razões: 1.º porque a cál era cara em S. Mané e a chuva desmanchava a risca e 2.º porque os jogadores gostavam de "salamear" a assistencia quando a bola ia fóra. Aliás quando o "beack" dava uma bola alta "S. João dos brabo", o time ia esperar ella cair de novo lá na venda de Manéco Lôco^a tomando refresco de "cachaça"... Tonic Sarampo além de "centro árfo da ex-

trema esquerda" era sempre o juiz, porque ninguem mais tinha apito em S. Mané, a não ser a machina da Mogyana... Quando havia desafio, cada "goal" era recebido a dobrado pela banda e o jogo parava para o Tonic ir gemer no pistão. Agora, se acontecia de um jogador contrario quebrar a perna, desmaiar ou morrer no campo, então além do dobrado havia fogueete.

Ganhava geralmente o time que se retirasse por ultimo do campo; d'ahi o facto de todos se empenharem em quebrar a cada um, mal começava a inana. Um dia foi resolvido um desafio do Sete Tiros com o "Desacordado F. C." da cidade visinha. Este ultimo era especialista em "não sentir". Os seus homens chutavam até navalha descalços. Foi por isso que o Tonic treinou o Ansérmo Laranjada no "centro-fórde" apesar d'elle ter dança de S. Guido; porque sabia furar os olhos dos outros só de brincadeira além da "tremêdera" espantar os adversarios...

No dia do jogo, o Zé Maromba liquidou o "stock" de armas de fogo e bomba de parede da casa. O time entrou completo no campo: 11 jogadores, massagista, coveiro e padre-confessor. Estrejavam uniforme novo: calças vermelhas na frente e amarellas atrás, bótas com espóra, joe-

lheira por cima, com "limpatrilhos" de laminas-gillete, garrucha do lado esquerdo e caco de vidro na direita, camisa de couro enfeitada de arame farpado.

Logo de cara o Tonic fez um "fersáide" no estomago do juiz de linha que era tambem o "gôrquipes" do Desacordado. Parou o jogo para o enterro. Quando recomeçou, teve que parar de novo porque o pau do gôal despençou na cabeça do sargento de policia que estava dormindo em baixo. Vaiaram o juiz por causa d'isso e afinal... recomeçou a partida com um "penalty" contra o Desacordado. "Penalty" lá, era furar a bóla do time. Mas não bateram, porque não tinha outra...

De repente, uma briga no meio do campo.

— Esse desgramado do Minérvino me cascô um "fersáide" mêrmo no imbigo e o lôco do juiz não viu... — berrou o "árfes" do Sete Tiros.

— Ara! Descaque um córno nos zóio delle! aconselhou o capitão.

Na "arquibancada" que era a grama ainda, começou o tiroteio. Tonic levou uma bomba de parede na testa. Um rojão entrou no campo feito buscapé, espalhando os jogadores:

— Mata o juiz! Arranca a lingua delle!

— "Mastiguem os pé delle!"

— "Destripem o pai delle!"

Tudo com "elle" mas todo mundo apanhava.

D'ahi a uma semana, o campo estava cheio de "supurtura" e "crúis".

Tinha virado cemiterio.

CANDIDO BARBOSA.



Barthô, no jogo com o S. Bento, em empolgante defesa

O MAXIXE

AFFONSO LOPES DE ALMEIDA

O homem de olho de vidro coçou o queixo, com ar aborrecido.

Eu bocejei.

Estavamos ambos no tombadilho do Curvello, esticados nas espreguiçadeiras, contemplando o oceano. As costas do Brasil esfumavam-se á distancia, no horizonte, onde as asas da Noite pousavam já, de manso.

Envolvidos pela doçura da tarde, embalados pelo vagaroso arfar do navio, o nosso espirito perdia-se em scismas vagas.

— Linda tarde! — exclamei.

E o homem de olho de vidro, reencentando a conversa interrompida, suspirou e disse, molemente:

— O senhor tem razão: no nosso paiz as tradições deixaram de existir... O senhor referiu-se ao **Bumba-meu-boi** e ás festas de egreja, que acabaram, como tambem acabaram as fogueiras de S. João... Mas isso não é tudo...

E como elle ficasse a fitarme com o unico olho disponivel, eu bocejei de novo e perguntei:

— Não é tudo?

— Não; não é tudo.

Depois, animado, soergueu o busto na cadeira e começou a fallar, loquaz e gesticulante:

— Não; não é tudo! Veja o que aconteceu com o maxixe! O maxixe era antigamente a perdição dos rapazes e a angustia, a afflicção, o desespero das mães! O senhor já viu dansar o maxixe? A maioria dos brasileiros do nosso tempo nunca viu dansar o maxixe — não esse maxixe de salão, figurado, que é hoje universal no Brasil e fóra d'elle — mas o outro, o autentico, o gostoso, o capitoso, o bamboleado, o requebrado, o tremido, o alucinante... o maxixe, emfim!

Fez uma pausa. Sorriu.

E logo, com ar a um tempo alegre e constrangido:

— Eu não sei se me atreva a dizer-lhe... Estas coisas... Emfim, como estamos aqui sózinhos... Olhe: eu já dancei o maxixe, o verdadeiro! Foi ha muito tempo, era eu meninote... Em certo cortiço, junto á casa dos meus paes, no Rio, em Sta. Theresa, houve um grande baile, um baile de sustancia, como então se dizia... Bem sei que pular os muros é feio peccado. Mas a verdade deve ser dita; eu pulei o muro do quintal paterno, e compareci á festa. Aquillo estava sumptuoso! Na sala vasta, viam-se, a um lado, amontoados, os moveis e bahus dos habitantes. Sobre esses moveis,

encarapitados junto ao tecto, lá em cima, ficavam os homens da luzida orchestra: duas sanfonas, quatro violões, um cavaquinho, um flautim acutissimo, um pandeiro um reco-reco... O mestre-sala era um pardavasco de gaforinha em pé e calças brancas, bombachas, engomadas... Cheguei á sala, cumprimentei os conhecidos, metti-me na dança! Mas fiz fiasco... "Você não sabe... Fique ahi quietinho, espiano; depois vamos dansá outra vês" — disse-me a dama que eu escolhera. Segui-lhe o conselho. A dama, enlaçada a outro parceiro, com um raminho de arruda atraz da orelha e os dentes alvos á mostra, cahiu no molle, que era a expressão da época... Eu vi e aprendi então a dança nacional!

O homem de olho de vidro levantou-se, animadissimo. E proseguiu:

— Os corpos oscillantes pareciam varrer a sala, na vertigem do baile. A principio, dama e cavalheiro colavam-se, integravam-se um no outro, num só corpo bamboleante, que parecia levado sobre vagas, ora subindo na crista, ora baixando no bôjo das ondas; pouco a pouco, porém, o andamento da musica se accelerava e a dança se ia tornando vertiginosa, com incita-

mento da assistencia, que batia pés e mãos ao rythmo da orchestra... Depois, homem e mulher se separavam: elle, ficava a rodar uma perna no ar, equilibrado sobre um só pé, e ella, rebolando, as mãos nos quadris, a bocca entreaberta, os olhos semi-cerrados, o rosto lambusado de volupia se ia lentamente acoorando, aos requebros, **fazendo o parafuzo!** Os musicos, excitados, inflammavam os instrumentos em vivos lumes, e os espectadores, dominados, effusivos, enlouquecidos, estrugiam de repente em gritos freneticos: "Ahi, meu anjo!" "Pisa no coração, minha negra!" "Quebra, mulata! Quebra!" Era um delirio!

E repetiu, ainda fremente:

— Era um delirio!

Depois, o homem de olho de vidro poz-se a andar no tombadilho de um para outro lado, a cabeça baixa.

E eu fiquei a pensar que na Bahia, terra original do maxixe, do Bumba-meu-boi e de tantos outros folguedos caracteristicos e usanças antigas eu tive occasião de assistir de passagem, ha dois dias, em certa ruela de bairro afastado, a um baile de pretos em que damas e cavalheiros dansavam, empertigados, correctos, solemnes, o tango argentino...

Vencido ou vencedor?

Na ansia de ser feliz, e viver no apogeu, sonhador, me empenhei numa grande batalha, e, como heróe, bati-me enfrentando a metralha para vencer a vida, e a vida me venceu...

Tombei, pobre de mim, como um simples plebeu, só porque fui sincero, e não quiz ser canalha... Por isso, eu vou vivendo uma existencia falha, a dor do Sonho morto antes do gineceu...

Sabendo que era treva, eu porque quiz ser Luz, quiz brilhar, resplender, quiz encher de fulgor minha vida — batel que o Destino conduz?!...

Comtudo, eu não maldigo a ambição de explendor: si perdi para a vida, á luta em que me expuz, — eu venci a illusão do sonho enganador...

Do "Rythmos da minha vida").
Recife, 10-6-928.

STENIO DE SA'.

A situação da mulher na China

Difficil senão impossível é imaginar a situação da mulher hindú, sem haver vivido nos apartamentos em que ella é mantida como prisioneira e reclusa, desde que alcança a puberdade; mas é possível presentil-a com a só leitura dos livros sagrados e collectaneas de tradições d'aquelle povo.

Todos esses documentos encaram e tratam a mulher como um animal domestico, menos ainda, um simples objecto com utilidade pratica mas incapaz de pensar e sentir a não ser physicamente.

Partindo desse ponto de vista, essa é a situação em que a mulher é mantida na maioria do territorio indiano. Assim sendo, não é de extranhar o costume do "satti", que os inglezes tiveram tanto trabalho em extinguir. Do mesmo modo que o cavallo dos guerreiros gregos era sacrificado sobre seu tumulo, para que o servisse no outro mundo, a esposa deixava-se queimar sobre a pira

em que o corpo de seu marido morto era consumido.

Ainda hoje, sua submissão persiste em todos os estados da existencia. Creança, a mulher indiana vive submettida á autoridade de seu pae; casada á de seu marido; viuva á de seus filhos.

Se o marido jejua, deve jejuar tambem; se elle come, deve esperar termine a refeição para começar a sua.

De resto, ha na India mulheres que lamentam a extinção do "satti" porque, para muitas mais valeria morrer numa fogueira do que sobreviver ao marido na degradação a que os costumes do paiz a relegam.

Entre os povos occidentaes, os postulados humanitarios cercam a viuva de piedade e respeito. Na India o só facto de encontrar uma viuva é considerado máu agouro. Alguns dias após a morte do marido os membros das suas familias se reúnem para proceder solemnemente á sua degradação. Começam por lhe raspar a cabeça, e ella tem que fi-

car para sempre privada do mais natural de todos attributos femininos: — o cabello. Em seguida collocam-lhe ás costas o "tali", manto branco, que é condemnada a usar até o resto de sua existencia.

E se tivermos em conta que, na India, não é raro, casar, por interesses de familia, uma menina de cinco ou seis annos de idade com um homem de sessenta ou setenta, e, por consequencia muitas d'ellas, ficam viovas, antes da puberdade comprehender-se-á, com horror, o que será o destino d'essas infelizes condemnadas á degradação por toda a existencia e á viuvez antes de terem sido moças.

Os inglezes muito fizeram para destruir essa monstruosa organização social; mas, sendo naturalmente suspeitos ao nativo, nada conseguiram. Sómente após a Grande Guerra, reformadores nacionaes como Gandhi, desencadearam no paiz o feminismo e, sob a egide d'esse novo e ousado programma, a mulher começa a ser tratada como um ente humano; mas ainda assim sómente nos grandes centros de civilização britannica.



A jogada trigrina com que o grande mestre Fried assignalou o tento inicial do S. Paulo no seu jogo com o Santos, em que venceu por 4 x 2.

Variações sobre o nada

O nada é alguma cousa fantasiado de cousa nenhuma. Mesmo que se diga que o "nada é nada" o nada ficaria sendo alguma cousa porque o facto de ser é uma prova de existencia...

* * *

Ha duas especies de nada: o physico e o metaphysico. Exemplo de nada physico: o vacuo. Exemplo de nada metaphysico: a cabeça de uma mulher chic.

* * *

Para deixar de existir realmente, o nada precisaria dessa cousa absurda: deixar de ser nada. Porque uma especie de nada que é, póde ser tudo, menos nada...

* * *

Para se ter uma idéa precisa do nada é preciso tomar um buraco e encher-o de cousa nenhuma...

* * *

O homem que se casa fiado nas idéas de sua mulher, tem do nada, uma idéa excessivamente elastica...

* * *

Em amor, não desejar nada é o melhor processo para ter tudo...

* * *

A mulher que não tem medo de nada é capaz de tudo...

* * *

Um cerebro perfeito não póde entender com efficacia a idéa do nada, porque a primeira condição para pensar bem sobre o nada é não pensar...

* * *

As mulheres não pensam, ou pensam rudimentarmente. Logo o nada lhes é uma idéa familiar. Talvez, mesmo, seja a sua unica idéa, dellas...

* * *

Em rigor, o nada não é uma idéa: é a ausencia de qualquer idéa. Mas a ausencia não é, nem póde ser cousa alguma. A ausencia é a negação da cousa, assim como a treva é a negação da luz. O cerebro das mulheres deve, por isso, estar cheio de ausencia...

* * *

Quando uma mulher faz esforço para pensar, tem immediatamente dôr de cabeça. Ora, é precisamente essa dôr de cabeça que lhe dá a illusão de que tem cabeça. "Se eu não tivesse cabeça não teria dôr nesse orgão", raciocina, não sei por onde, a mulher. Mas isso não é prova porque, mesmo depois de arrancados, ha dentes que continuam a doer...

* * *

A mulher é o unico sér que, realmente, não é... Porque se ella fosse, sei-o-ia sempre, e da mesma maneira. Ora, o que se verifica, na pratica, é que a mulher nunca é hoje o que foi hontem nem será amanhã o que está sendo hoje...

A mulher parece que é... Eis tudo.

* * *

A mulher tem medo de ser porque o ser implica responsabilidades que estão fóra do alcance do seu sexo. Para ser é preciso, antes de tudo, decidir-se entre o "ser" e o "não ser", e a mulher nunca sabe onde está o melhor partido...

* * *

Para viver bem com as mulheres é preciso, antes de tudo, fingir que não se é... E' essa a melhor maneira de acabar sendo alguma cousa...

* * *

As mulheres fingem um grande carinho pelas coisas frageis... Uma mulher muito elegante, que vai ao theatro com uma capa de 20 contos, é capaz de deter-se na esquina para dirigir uma palavra de compaixão a um mendigo que está deitado sob um portal, com frio e fome. E é tambem, capaz de vender essa capa, todas as suas joias e até o automovel para satisfazer ao capricho do pobre diabo que a ajuda a enganar o homem que lhe deu a capa e o resto... Não ha nada mais fragil que o nada: e as mulheres têm uma tentação irresistivel pela cousa nenhuma...

* * *

Ter uma mulher é uma fórmula elegante de não ter nada...

* * *

Os philosophos são, com frequencia, infelizes no amor, porque lidando, ha tanto tempo, com o nada, não sabem os pontos de contacto que o prendem á mulher...

* * *

Depois do nada, que é uma realidade negativa, ha o dinheiro, que é uma realidade absoluta. As mulheres, que nada fazem, conseguem este duplo prodigio: transformam o nada em dinheiro e reduzem o dinheiro a nada...

* * *

A verdade é uma coisa de que as mulheres lançam mão quando não têm mais nada a fazer...

* * *

Não fazer nada é alguma cousa de tão absurdo como "não dizer nada" — porque é tão impossivel fazer nada como dizel-o...

Preencha o coupon abaixo e envie-nos sem perda de tempo.
INCLUSO REMETTO A QUANTIA de 12\$000 (DOZE MIL RE'IS)
PARA PAGAMENTO DE UMA ASSIGNATURA ANNUAL DO
"O TRICOLOR"

NOME

ENDEREÇO

CIDADE

ESTADO E. DE FERRO

Remetta para o sr. Salathiel de Campos
 Rua Libero Badaró n.º 21 — São Paulo

NOTA: — As assignaturas tomadas agora receberão todos os numeros atrazados. Toda e qualquer importancia, deverá ser enviada em cheque, vale postal ou sob registro com valor declarado.

Compre um calçado fino
por preço de pechincha
e gaste a diferença

Irmãos Perrella

Loja á R. Duque de Caxias n. 42

Fabrica: Rua Anhaia, 99-A
Tel. 5-4657



Seu relógio
parou?

CASA
OINEGUE
concertará

R. DR. FALCÃO FILHO Nº1 TEL. 2-1093

SEU RELOGIO PAROU?

Consulte a CASA OINEGUE - Officina de
precisão - R: DR. FALCÃO N. 1; proximo
á rua Libero Badaró e praça do Patriarcha.
Preços minimos. - Garantia absoluta. - Maxi-
ma seriedade - Collocam-se vidros inquebra-
veis. - Telephone: 2-1093

GABINETE DENTARIO

— DO —

DR. CYRO LARA

Rua Barão de Paranapiacaba N. 1
2.º andar - sala 2

MASSAGISTA

José Pereira Ribeiro

Moderno e completo gabinete
de massagens para
qualquer tratamento

ELECTRICAS e MANUAES

Ladeira do Ouvidor N. 6

ATTENDE Á DOMICILIO

BIONDINO



Ladeira Dr. Falcão N. 1-D

DIGITALIZAÇÃO
GIANCARLO ZAPPELLONI

TRATAMENTO DE IMAGEM
EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ